This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 858,069

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

UMA PRIMAVERA DE MULHER

UMA PRIMAVERA DE MULHER

POEMA EM 4 CANTOS

POR

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

PRECEDIDO DE UM PROLOGO

(Conversa ao reposteiro)

POR

THOMAZ RIBEIRO

LISBOA
TYPOGRAPHIA FRANCO-PORTUGUEZA
6 Rua do Thesouro Velho 6
1867

MA PRIMAVERA DE MULHER

POEMA EM 4 CANTOS

POR

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO

PRECEDIDO DE UM PROLOGO

Conversa ao repositeiro

POR

THOMAZ RIBEIRO

869.8
V3936

3556

A SEU PAE

O Ill.mo e Ex.mo Sr.

JOSÉ VAZ DE CARVALHO

em tributo d'extremoso affecto e profunda gratidão

Offerece

A Autora.

869.8
V3936 pt.2

63- 383970

Ouve-me Pae, da minha lyra timida
ouso as premicias a teus pés depôr,
e leia n'ellas o teu vasto espirito
humilde preito de infinito amor!

C'rôa singella de nevados lyrios,
por mim tecida com suave enleio!
vagas cadencias amorosas, languidas,
que a primavera me verteu no seio!..

Scentelhas soltas d'uma chamma etherea...
mysticos sonhos que eu soletro só...
que são?.. que valem, para o mundo frivolo
todo envolvido em seu doirado pó?

Só tu meu Pae acolherás sollicito
a minha incerta e juvenil canção!
tu, que de amores me doiraste a infancia!..
me és premio á lira, e ao mal, se o fiz, perdão!

Oh! se n'um sonho fugitivo, rapido,
víra da gloria a divinal miragem...
se em magas horas de fugaz delirio
me endoidecera essa risonha imagem...

Se o echo ao longe dos applausos fervidos
désse á minh'alma embriaguez febril,
e se os laureis d'entre inspirados extasis
me florejassem num perpetuo abril!

Sabes o premio que antevira, esplendido?
e a recompensa que eu sonhára então?
fôra em teus labios um sorrir de jubilo
fôra uma benção da tua nobre mão!

CONVERSA AO REPOSTEIRO

O prologo d'este livro devia ser um portico elegantemente singelo, folheado de trepadeiras, entre relevos e emblemas. Por cima do frontão quizera eu que se lesse esta formosa estancia da *Divina Epopeia* de Alexandre Soumet:

> Poésie, o printemps qu'un séraphin ramène,
> Printemps harmonieux de la pensée humaine,
> Oh! laisse dans notre âme ouverte à tes couleurs,
> Chanter autant d'oiseaux que les prés ont de fleurs;
> Pour nous verser leur miel, invite à tes corbeilles
> Le radieux essaim de toutes tes abeilles;
> Féconde à ta rosée, à tes rayons amis,
> Tous les germes d'extase en nos cœurs endormis!

Para tão formoso templo, nenhum outro adito, e nenhuma outra divisa.

Por mal do livro, e da autora, em mão de

ruim architecto veiu caír a regua e o cinzel. Mas tambem tem seus caprichos a arte; e, muitas vezes, exterioridades bem pouco attractivas, escondem recessos deslumbrantes de prodigios e maravilhas.

Os povos orientaes, referem os viajantes, têem por melhor e mais divino, disfarçar externamente em Bastilhas desalumiadas e deselegantes, esplendores que mal sabem sonhar os que vivem nas casas-balcões ou casas-mostradores do occidente. O passeante das ruas de Damasco ou de Constantinopla, mal póde imaginar o que são harens e odaliscas, os perfumes e as joias d'aquelle paiz d'encantos, se mão amiga o não conduzir a furto atravez d'esses muros, que de fóra lhe fazem medo, para recatarem lá dentro os paraisos de Mahomet.

A gruta marinha tem um adito de recifes e cachopos, erriçados, negros, ameaçadores; onde só ousa entrar, cego com o fumo dos vagalhões, destemido baixel aventureiro, que se atreve aos temporaes da costa, e á garganta escura e estreita que o engole; mas, lá dentro, ha o largo palacio das Ondinas, com seu liquido, lizo, e transparente pavimento de saphira, orlado de perolas e esmeraldas; um ceo constellado de sta-

lactites, a suavissima luz crepuscular com os seus reflexos doirados, as profundezas mysteriosas dos mais intimos recessos, a tepida aragem dos templos, e os perfumes acres e vitaes do limo e musgo marinho; emfim, a religiosidade melancolica das solidões equoreas: o extasis e o amor—a devoção.

E, se me consentis que ajunte a estas profanidades alguma comparação divina, deixae-me lembrar-vos que a innocencia, a virgindade, e a penitencia, as tres mais castas e mais augustas symbolisações do divino amor, preferem para adorno o burel e a estamenha.

Nunca fostes a Cintra? Se já visitastes, como creio, aquelle formoso capricho da arte e da natureza, de que nem Byron, o nosso detractor implacavel, ousou desdenhar; e se, depois de terdes visitado a Pena—o Generalife e a Allambra do rei-artista,—e os Sitiaes, e a Penha Verde, e Monserrate, e todo aquelle ninho de rouxinoes e d'amores, fostes em piedosa romaria aos Capuchinhos da Serra, haveis de ter notado o maravilhoso contraste entre as faustosas e soberbas pequenezas do mundo, e as singelissimas grandezas da religião do Crucificado. Eu por mim nunca vi templo mais augusto, porque

nunca o vi mais humilde! De quatro rochas brutas fez a natureza o templo, onde todo o visitante ha de por força ajoelhar; porque, se fôr pequeno e humilde, ha de confranger-se-lhe o coração; se fôr alto, ou altivo, ha de curvar-se-lhe a cabeça!

Sobre o altar ha uma pequena porta de cortiça, pobre, tosca, humillima! Essa porta guarda no sacrario o sol de todos os esplendores!

Pois o autor d'este prologo foi o obreiro do encerro. Ha de parecer-vos escuro, disforme, e desataviado. Mas o adito fica-vos franco. Entrae, entrae afoitos, e fico porque me agradecereis o conselho e o convite. Vereis como o contraste é sublime de surprehendente; e, quando vos achardes engolfados no meio das suas maravilhas poeticas, haveis d'exclamar com a fada senhora de tantos prodigios:

Eis-nos em pleno maio!.. a natureza
cinge a grinalda branca nupcial!
hymnos cantam as aves na deveza
em côro delicioso e festival!

Eis-nos em pleno maio!.. que perfumes,
e sorrisos, e galas, e harmonia!
nas campinas as flores em cardumes!
por ceos e terra mystica poesia!

Eis-nos em pleno maio!.. é vinda a fada
voluptuosa do prazer e amores!
Ide beijar-lhe a trança perfumada!
eia!.. empunhae a lyra, trovadores!

Antes de mais, e para que não haja segredos entre nós, que somos todos amigos e visinhos, quero dizer-vos os motivos porque me acho ao reposteiro d'este real paço das musas portuguezas. Póde causar-vos estranheza a distincção que mereci, ou que, sem merecer, alcancei, — como quizerdes. Em todo o caso é-me preciso dar explicações aos visitadores d'esta *Primavera*.

A autora d'este poema, a senhora Dona Maria Amalia Vaz de Carvalho, nasceu em Lisboa no dia 2 de fevereiro de 1847; mas desde menina vive na sua quinta de Pinteus, ao pé de Santo Antão do Tojal, tres leguas distante de Lisboa. D'esta sorte, vivendo eu na capital desde 1861, nunca tive occasião d'encontrar a formosa fada que se escondia nos seus bosques, e que no seio fecundante das solidões se estava ataviando com todas as galas da natureza, para nos tomar d'improviso e seduzir no meio dos nossos mais ou menos ruidosos festins litterarios.

Num dos primeiros dias de janeiro de 1866, acerca-se de mim na camara dos deputados um

collega meu, que pela primeira vez tinha assento naquella casa, e que eu conhecia apenas de nome: era o sr. José Vaz de Carvalho; e, depois de me dizer as mais lisonjeiras palavras sobre o que elle, em sua extrema delicadeza, chamava os meus merecimentos litterarios, e mais que tudo, sobre o conceito que formava da minha (como se diz isto?) da minha... conscienciosa probidade de homem de lettras (passei o Rubicon!) contou-me como descobrira que uma sua filha, quando menor de 12 annos de idade, e que vivia longe dos estimulos da capital, e dos incitamentos d'esta vaidade que se chama gloria, lhe tinha apparecido com uns fragmentosinhos de versos sobre os bordados do seu bastidor.

— Tremi — disse-me — d'aquelle arrojo pueril; supposto ella os tivesse escripto só para si, e se tanto, para os mostrar furtivamente a sua mãe, ou para pretexto de brinquedo com sua irmã. A verdade — continuava o meu collega — é que eu abominei sempre as mulheres doutoras, e, sobretudo, as que fazem versos. Temia principalmente o ridiculo, porque me não saíam da memoria aquellas celeberrimas *Preciosas*, de Molière; e eu nem acredito que minha filha ve-

nha a ter o estro da marqueza d'Alorna, nem a mystica exaltação de santa Theresa de Jesus, nem a inspiração divina de Gertrudes Gomez de Abellaneda. Prohibi, pois, com as mais tyrannicas frases que a minha indignação paternal me inspirou, a continuação de tão desenxabidos brinquedos. Passaram annos sem que nada me fizesse suspeitar a desobediencia aos meus ukases czarinos. A principio applaudi-me, e por fim cheguei a esquecer-me até da minha victoria. Ha dois dias, porém, entro casualmente no quarto de minha filha, e acho ao pé do seu toucador...—

—Flores?—lhe tornei eu—que são danosissimas á saude?!—

—Versos, meu caro Thomaz Ribeiro! versos!...—

—*Felix culpa*, meu collega! divino crime da mais santa desobediencia! Adivinhei: com a differença feliz de que estas flores têem de certo aromas vitaes, em vez d'effluvios venenosos!—

—Eram versos!—tornava o meu interlocutor. Vi então que me lembrei de mais do Molière e de menos d'aquelle ajuizado romano, a quem Jupiter, ou Pan, ou Momo, deu um filho endemoninhado que se chamou Ovidio!... Pobre

velho! faço idéa, pela minha, da cara com que elle ficaria quando o secio vatesinho lhe promettia, em verso, que nunca mais... Pobre velho! Vou acreditando na metempsycose, e creio que tenho aqui dentro a alma do honrado patricio, que foi tão feliz como eu.—

—Ainda bem! que a natureza reaja! aliás tinhamos o triunfo e a dominação de todas as tyrannias; e a dos educadores, meu collega, é a primeira e a mais fatal! Todos os aleijões moraes, e olhe que são a maioria do que por ahi vê, de lá vem!.. Peço-lhe perdão das minhas liberdades; estamos fallando como amigos. E, diga-me, não lhe furtou os versos?—

—Furtei, para lh'os mostrar. Veja-os, e diga-me, como homem de bem, o seu juizo a respeito d'elles.—

Li os versos, que se intitulavam *A Primavera*, eram dedicados a sua extremosa mãe, e diziam assim:

Que é isto?!.. que veo de jubilo
a natureza envolveu!...
como está limpido o ceo!
que aromas que tem a flor!
que magia nos descantes
que alegres soltam as aves!

oh! que notas tão suaves!
que ardentes hymnos d'amor!

Como é bella a natureza
aqui em torno de nós!..
não escutas uma voz
que vôa ao throno de Deus?
Como tudo é grande e bello!
que ameno quadro formoso!
ó mãe, não sentes um gozo
que te aproxima dos ceos?!..

Vês além aquelle olmeiro,
todo vestido de gala?
ha mais eloquente falla
a louvar o Creador?
escuta d'entre a ramagem
essa harmonia singela!
são cantos da filomela
em ninho que é todo amor!..

Inda ha pouco, secco, arido,
feio tronco ali se erguia:
e se acaso o sol um dia
lhe vinha a fronte doirar,
se de luz raio furtivo
a descuido o engrinaldava,
o pobre se envergonhava
de tão triste e nu se achar!

E hoje é vestido e orgulhoso!
Vem o monarcha dos ceos
beijar-lhe os raminhos seus,
banhal-o em luz e fulgor!

e sob a copa virente
vem o cantor das florestas
celebrar as doces festas
do seu puro e casto amor!..

Tu que tens alma tão grande
para o bello comprehender,
não sentes estremecer
dentro em ti o coração?
sentes! bem vejo: esse espirito
já para o ceo se alevanta,
e nos teus labios de santa
desabrocha uma oração!..

Primavera, como és bella
nessas tuas louçanias!
em quantas almas sombrias
se não philtra a tua luz!
quantos corações já mortos,
e amortalhados em gelo,
o teu rosto mago e bello
á vida não reconduz!..

Oh! quem viu a casta lua
por noites de primavera...
quem a vê, doirando a hera
que enlaça a cruz na soidão!..
e depois, donosa, timida,
sobre as aguas da corrente
mirar-se leda e contente
com singela presumpção!..

quem escuta ao rouxinol
as melodias celestes

lá nas balseiras agrestes
onde elle se vai carpir!..
quem ouve os ecos sentidos
d'essa voz tão meiga e pura
que exprime tanta ternura
qual ninguem poude exprimir!..

quem os vividos perfumes
aspira no campo á rosa!
e a borboleta mimosa
quem vê doida a volitar!..
quem escuta o murmurinho
da fonte que diz segredos,
quando por entre arvoredos
sua voz deixa passar!..

quem contempla taes prodigios,
tanto mysterio sagrado!
quem vê o lyrio no prado!
quem a estrella vê nos ceos!..
quem, lançando os olhos debeis
nesse abysmo desmedido,
inda louco, inda atrevido,
ousa exclamar: — «Não ha Deus?!..» —

Primavera, como és bella
nessas tuas louçanias!
em quantas almas sombrias
se não philtra a tua luz!..
quantos corações já mortos,
e amortalhados em gelo,
o teu rosto mago e bello
á vida não reconduz!..

Depois de os ler tornei-os a ler, e perguntei ao meu collega:

— Quantos annos tem sua filha?—

— Dezenove incompletos. —

— Deixe-me cumprimental-o cordial e sinceramente; tem de certo um grande talento a menina que nas solidões de Pinteus escreve d'estes versos; e não só tem um grande talento, mas guarda no coração os mais ternos e generosos affectos. —

O meu amigo era pae; a sua intelligencia tinha-lhe de certo dito o que eu, com toda a minha sinceridade, lhe repetia, e que elle escutava entre receoso e contente.

Poucos dias depois visitava eu a auspiciosa musa das alpestres solidões de Pinteus; era acariciado no meio d'uma familia que é nossa desde que nos recebe; e, quando ouvia recitar á graciosa poetisa as suas canções, singelas e caprichosas como as borboletas que a vinham escutar adejando, deixava-me arrastar e inebriar pelo encantamento da formosura, da innocencia, e do talento, até me encontrar embriagado num ambiente de cantos e de fragrancias, de sorte, que não poderia dizer se os perfumes vinham dos canticos, ou se os canticos vinham das flo-

res. Cheguei a comprehender as visões dos orientaes! Tudo aquillo me parecia luminoso... mas podia ser fatuo, e eu tinha medo d'acordar, porque não queria ver apagado o enlevo.

Para revigorar em mim uma convicção que despontava, ousei tentar as forças da nossa poetisa; disse-lhe antes de a deixar:

— Porque não escreve um poema?—

E ella respondeu-me:

— Pois sim! —

Pergunto agora: qual seria mais temeraria: a minha curiosidade, ou a sua confiança?

Responde este livro.

Passava-se isto, mais um, ou menos um dia, a 10 de janeiro de 1866.

A 2 de fevereiro fui de novo cumprimental-a: era o seu decimo nono anniversario; e mostrava-me nesse dia, quasi completo, o primeiro canto da sua *Primavera*, que a amabilidade da autora, para me ser agradavel, chamava *Flores da Aldeia*, como o primeiro canto do *D. Jayme*.

Tres mezes depois apparecia em Lisboa a se-

nhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, com a sua *Primavera* completa! alegre, como uma roseira florída, chamando para si todos os vultos litterarios da capital, e mostrando-lhes o mais perfumado, o mais fresco, e o mais chilreado poema que ha muito tempo se deparou a leitores portuguezes.

O jury era competente; e, de muito encanecido entre commoções litterarias de todo o genero, inda assim, não se dedignou de commover-se, e offerecer á autora do poema a sua commoção por sentença.

Quando a senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho voltou a Pinteus, para dar, em abraços mais do que em palavras, a sua mãe, a boa nova dos seus triunfos litterarios, achava uma carta minha, que, juntamente com a resposta, vou transcrever aqui:

«Se V. Ex.ª, minha querida poetisa, me inspira realmente muito enthusiasmo, porque lh'o não hei de dizer?!...

Peço um milhão de perdões por começar uma carta como nunca ninguem começou; mas, que

quer? não me arrependo! A minha alma, de contente por haver testemunhado a V. Ex.ª, franca e abertamente, á portugueza, a sua sincera admiração, não permitte á insistente delicadeza que inutilise este preambulo, escripto *ex abundantia cordis*. Não creio que haja indiscrição em escrever aqui citações latinas, porque V. Ex.ª sabe muito e adivinha o resto.

Fique, pois, o que está, e dê agora a delicadeza cortezã a V. Ex.ª o que por todos os titulos lhe é devido:

Ill.ma e Ex.ma Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho:

Ainda me estão povoando a memoria e deliciando a fantasia as estrofes do seu poema! Que *Primavera de mulher!...*

Aqui á puridade: deixa-me confessar-lhe uma ingenuidade minha? Quando lh'a ouvia recitar com tanto sentimento e com tanta verdade, —porque V. Ex.ª é tambem uma primorosa recitadora, — e quando eu via pendentes de seus labios os sacerdotes maximos da nossa litteratura, taes como: Castilho, Mendes Leal, Luiz de Almeida, Pato, Chagas, Tullio, Thomaz de Car-

valho, Julio de Castilho, Cordeiro, e mais, e tantos mais, e todos identificados com a sua poesia, submissos ante o seu genio, deslumbrados, surprezos, ante o vivissimo e inesperado clarão que irradiava d'uma alma de dezenove annos, eu tinha orgulho de V. Ex.ª, como se fosse minha a sua gloria!

Sabe V. Ex.ª porquê? Porque a primeira vez que a vi na sua poetica habitação de Pinteus, logo lhe adivinhei, pelos primeiros clarões do seu estro, quasi toda a extensão do genio; e digo *quasi* porque, tendo-lhe pedido que escrevesse um poema, V. Ex.ª fez muito mais: improvisou-o!...

Em 2 de fevereiro, dia dos seus annos (lembro-me bem) quando pela segunda vez a visitava, ainda V. Ex.ª tinha incompleto-o primeiro canto; e nos principios de maio recita-nos já todo o poema!...

Á sua idade, e ao seu sexo, minha senhora, é perigoso dizer-se isto. Pode ser incentivo para vaidades; mas a V. Ex.ª é de justiça que se diga. Calar aqui neste momento o que sinto, fôra roubar-lhe um tributo que lhe devo. Ninguem lh'o vem offerecer nem mais sincero, nem mais devoto. — juro-lh'o.

Quero-lhe muito, e quero purissima a sua gloria. A vaidade viria macular-lh'a. Não a escute. É preciso que a vestal alimente sollicita o fogo sagrado, expurgando-o d'impuras fumaradas.

Ha da mocidade de hoje uma parte, (pequena felizmente,) desdenhosa, fatua, soberba, e desattenciosa. Ave mal empennada, tenta fugir antesazão dos abrigos do seu ninho, despenha-se e aleija-se para toda a vida. Nascêra para cantar, e grasna; nascêra para subir, e rasteja!

V. Ex.ª não é isto.

Já que estamos a conversar *muito mão por mão* e *terra terra*, como diz o nosso mestre Castilho, quero denunciar-lhe uma certa incongruencia ou instabilidade em que neste momento vacilla o meu espirito. Acho difficilimo escrever-lhe uma carta! porque, se a trato como criança, offende-se a sua intelligencia; se me dirijo á mulher, á *senhora*, com todas as gravidades do estilo, sorriem-se os dezenove annos!

Sabe V. Ex.ª a quem eu devia dirigir-me? a seu pae, cuja reconhecida intelligencia se assustou devéras com as estreias do seu estro; mas V. Ex.ª podia dizer-lhe como o auctor dos *Tristes:*

Sœpe pater dixit: Studium quid inutile tentas?
Mœonides nullas ipse reliquit opes.
Motus eram dictis: totoque Helicone relicto,
Scribere conabar verba solluta modis.
Sponte suâ carmen numeros veniebat ad aptos:
Et quod tentabam dicere versus erat.

Quizera tomar contas a seu pae dos mezes ou annos em que a sagrada chamma do genio andou sonegada na alma da sacerdotisa, alimentada em secreto, e a devorar... quem sabe? o vaso d'eleição em que ardia, até que a flamma se desdobrou em labaredas e se manifestou esplendida!

Eu sei como elle está contente!

Ha uma coisa mais forte que as leis e mais audaciosa que a vontade; contra a qual nada valem preceitos, nem medos, nem tratos: é o genio.

O genio não é a faculdade, é a necessidade de ser grande. O talento pode amedrontar-se, amesquinhar-se, desapparecer, diante do martyrio, ou do ridiculo: o genio nunca!

O pae de V. Ex.ª tem desculpa de se haver assustado quando se lhe depararam as suas primeiras tendencias. São tão vulgares as *preciosas*, e tão raras as poetisas discretas!... A phenix

da sua poesia bem fez em lhe apparecer tão completa no seu renascimento, que o deixou de todo em todo desassombrado.

V. Ex.ª é muito boa rapariga, e não me leva a mal que eu lhe mencione algum defeito do amavel sexo a que pertence, lembrando-se de que é no intuito de a salvaguardar que o faço; defeito de que, ainda assim, não é de todo isento o innervoso sexo a que eu tenho a honra de pertencer.

E bem vê, minha querida poetisa, que isto é por conversar, e muito para entre nós, que eu não quero de fórma alguma contra mim as iras e os desdens das bellas. Deus me livre! Bem basta o mal que ellas fazem por bem!

A um perigo fatal, creia-me, estão sujeitos os grandes espiritos, principalmente os femininos, e talvez pela sua maxima impressionabilidade: o exagero dos sentimentos; — e não sómente dos bons e amoraveis, tambem dos crueis.

De sentimentos femininos excessivamente bons sabe V. Ex.ª quantos exemplos ha: e, se os não soubesse, via-os todos os dias compendiados e ennobrecidos dentro da sua casa.

Pois saiba que a mulher é em tudo excessiva como o é nas suas abnegações e amores.

*

Acredita-se que as senhoras romanas se deliciavam mais que os patricios nos sanguinolentos espectaculos do Colyseu. Sabe-se que os *toreros de la tierra de Maria Santisima*, são mais enthusiasticamente applaudidos pelas divinas madrilenas do que pelos descendentes feios dos heroes de Covadonga. Aqui, em Lisboa, já eu vi, eu, por meus proprios olhos, como o horrivel seduz as debeis compleições do sexo amavel,—que naquelle momento me pareceu terrivel. Quando, no circo de Price, o corajoso Newcomb, depois de haver açoitado e enfurecido cinco ou seis enormes leões, lhes entrava pela jaula, e caminhava sereno, com uma varinha na mão, para elles boquiabertos, retraidos, arquejantes, rugidores; quando depois no revolutear medonho das feras, Newcomb sentia impassivel, mas palido, resvalarem-lhe por sobre o peito, e as faces, e a pluma negra da sua gorra, o halito ardente e as gelidas garras dos leões, — eu vi os homens retirarem-se para a extremidade do circo, emquanto as mulheres, lividas e tremulas, se aproximavam das trincheiras e se debruçavam estendendo o collo e os olhos, como as serpentes que espreitam.

Estava-me lembrando a transformação dos anjos no poema de Milton!

Que homem seria capaz dos extremos de Respha? Mas que homem se lembraria do commettimento de Jahel?

Quando, dentro das muralhas de Bethulia, um grande exercito se desguarnecia, pelo desanimo, de todos os prestigios da sua força, armava-se uma nobre e formosa viuva de todas as seducções da sua amavel fraqueza, e trazia a carta de alforria da sua patria na ensanguentada cabeça do seu amante.

Quando a revolução franceza e a reacção aristocratica—*a luta de dois genios, o choque do passado e do futuro*,—como escreveu um grande pensador, faziam delirar a França, a vida era uma novidade continua, uma surpreza perenne, impossivel a previsão d'um só minuto que fosse. No club dos Jacobinos e dos Feuillants ensaiavam-se mellodramas e tragedias emquanto no theatro os actores contavam as novidades, e os espectadores entoavam canções patrioticas; *e assistia-se á estreia de Talma depois de se ver enforcar Favras.*

Passada a noite na amavel companhia das senhoras de La Rochefoucauld, de Foix, de Henin, de Simiane, ou de Vaudreuil, encontravam-se pelas melancolicas ruas de Paris mulheres can-

tando a tão popular, quanto perigosa canção, que mais d'uma vez conduziu victimas ao patibulo:

La sainte chandelle d'Arras,
Le flambeau de la Provence,
S'ils ne nous éclairent pas,
Mettent le feu dans la France.
On ne peut pas les toucher,
Mais on espère les moucher.

Nesse tempo, a transformação successiva da sociedade tinha invadido todos os espiritos, e diversamente influenciado todas as organisações. Em quanto muitos homens saíam horrorisados da França, ou, realistas convictos, passavam silenciosos, e, quantas vezes? reverentes, ao pé dos mais fogosos tribunos revolucionarios, um punhal bem seguro na pequenina mão de Carlota Corday achava e percorria os ultimos recessos do coração de Marat! Emquanto a maioria dos homens refugia do aspecto dos cadafalsos, muitas mulheres, e principalmente mulheres, assistiam ás execuções, ajudavam a policia, levavam as denuncias e propiciavam as capturas! avexavam as ruas e as praças, e não raro as salas, com a licença das suas acções e das suas palavras!

E agora, relativamente a mulheres do mais

elevado espirito, quer V. Ex.ª ler um periodo que a escandalisa por ser escripto a sangue frio, por ser escripto para gracejar? É d'uma escriptora da mais alta sociedade, de talento muito elevado, d'uma estylista elegante; V. Ex.ª conhece-a: é M.me de Sévigné. Escreve dos estados da Bretanha; e sobre execuções diz assim:

«Vous me parlez bien plaisemment de nos misères; nous ne sommes plus si *roués; un* en huit jours seulement, pour entretenir la justice. Il est vrai que la *penderie* me parait maintenant un *refraichissement.*»

Não consta que M.me de Sévigné fosse má, nem cruel. Era pois isto uma exageração de gracejo a que ella não poude resistir, apesar das admoestações do seu bondoso coração.

Ora d'estes perigos (que sempre é bom não esquecer) mercê de Deus está V. Ex.ª livre. Attesta-o o seu poema, o seu poema tão cheio d'amores e de meiguices, onde em todos os prazeres ha a suavidade e a pureza das flores da sua aldeia, onde para todas as penas ha balsamo de religião e de lagrimas, onde só uma vez na extrema desesperança irrompe irresistivel o clamor d'um lamento que poderia ser blasfe-

mia se um instante depois, resignada, a martyr não caisse por terra matando o coração para matar nelle a dor, e não pedisse perdão a Deus para si e para os que lhe rasgavam a alma.

É sublime esse quadro do ultimo canto do seu poema! assim como ainda não vi nada mais idyllico do que os dialogos e as descripções dos primeiros cantos, especialmente a descripção da casinha, e o dialogo entre a mãe e a filha.

Ha na *Primavera de mulher* um vulto pouco mais que bosquejado, mas que é para mim o mais sympathico, por ser o mais infeliz: é Vasco.

Perdoa-me?... O homem que tem o coração que V. Ex.ª concede áquelle martyr, quando chega a encontrar uma Beatriz, não a perde como elle a perdeu; e se a perde, não é para se entregar aos caprichos d'uma mulher... insignificante, como a sua altiva e desdenhosa noiva!

Se o seu poema fosse publicado sem nome, denunciava-se o sexo do autor, além de tudo mais, pelo esmero com que V. Ex.ª, ainda á custa do heroe, trata a sua Beatriz. Pobre Vasco! mil vezes mais infeliz que a sua infeliz amante! Ella, ao menos, fica triste mas impolluta, a vecejar entre saudades, como um goivo entre ruinas.

Minha querida poetisa, tenho discreteado muito, e muito a serio! esqueci-me dos seus dezenove annos!

Deixe-me terminar beijando a mão de sua mãe, a quem a sua gloria pertence mais do que a V. Ex.ª Ella tem razão de bemdizer a Deus que lhe concedeu ser mãe.

Sou, de V. Ex.ª, — servo e devoto admirador, Lisboa, 23 de maio de 1866. *Thomaz Ribeiro.*»

Á minha carta, escripta num momento d'enthusiasmo, e em que forcejei por ser o menos lisongeiro possivel, veiu-me, passado tempo, esta resposta, de que só furto á publicidade os trechos que me são exclusivamente destinados, e que por minha conta não posso nem devo transcrever:

«Sr. Thomaz Ribeiro: — Quando, poucos dias depois de haver recitado perante a pleiade brilhante dos nossos mais illustres e abalisados escriptores essa poesia que não me atrevo a chamar poema, recebi de V. a carta animadora e benevola que a sua amizade, nimio indulgente lhe ditára, não pude ter mão nos impetos de sincera alegria com que todo o espirito se me alvoroçou.

Embora parcial, e mais inspirada pelo affecto do que pela justiça, a carta de V. era um titulo de gloria incontestavel, uma valiosa e apreciadissima condecoração.

Guardal-a só para mim, confesso, fôra modestia, porventura excessiva.....

Tencionei portanto, desde essa hora, solicitar o consentimento de V. para que a sua carta fosse publicada juntamente com o meu livro.

Hoje mais um poderoso motivo vem fortalecer o meu tão razoavel quão justo desejo.

O principe dos poetas portuguezes, o sr. Antonio Feliciano de Castilho, que se dignou de me acolher com particularissima distincção, promettera-me, como V. sabe, um prologo para me acompanhar a minha *Primavera de mulher*. Obreiro incansavel nas lidas do bom e do bello, chamou-o a outro lado mais alto empenho; e, ao deixar-nos, S. Ex.ª delegou no seu discipulo..... a missão que, segundo affirma, com magua sua não poude cumprir.

E, aqui entre nós, é a V. que ella pertence quasi como obrigação.

Na sua carta, que eu releio agora com intimo e ineffavel jubilo, V. confessa que foi a sua voz,

para mim sempre animadora e indulgente, que me desafiou a deixar o obscuro silencio em que eu jazia completamente ignorada, pelo esplendido sol da publicidade a que os meus olhos de modo nenhum estão afeitos. E, em verdade, assim foi.

Quando V. me deixou, depois de ter acordado na minha alma essa curiosidade, que leva os poetas a sondarem o desconhecido, interroguei as minhas forças, e pasmei de me não sentir assustada. A propria audacia da empreza namorou-me e attraiu-me.

Metti mãos á obra, e d'ahi a dois mezes dei-a por acabada.

Se consegui, ou não, cumprir os preceitos do incitador, não sei; nem, ainda que soubesse e quizesse, o deveria dizer.

Pela cordial e amoravel acolheita que recebi da grande maioria dos nossos poetas não me sinto vaidosa, mas sim profundamente agradecida. Não a attribui ao meu merecimento: sei que a devo á indulgencia que distingue os eleitos do genio.

E, por fim de contas, que fizera eu para merecel-a? Criada em familiar e intima convivencia com a natureza, acostumada a sondar os seus mysteriosos arcanos, não fiz mais que imitar

uma estrofe do tão ameno e tão harmoniso canto da primavera, e n'ella compendiar as commoções vagas, cambiantes mas suavissimas, que me deliciam o espirito e arrebatam a fantasia!

Se ha merito na minha poesia é ser sentida, é ser espontanea, é ser essencialmente verdadeira. De todos os titulos que a benevolencia geral se tem dignado de lhe conceder é este o unico que eu não contesto nem rejeito.

E sabe V. porquê? É porque ha em mim um culto innato e instinctivo que pela primeira vez se me revelou visivelmente no dia em que abri os olhos da intelligencia para admirar este panorama esplendido da criação! É que a paixão invencivel que todas as almas de poesia têem de sentir na vida, e que cada uma emprega conforme a sua indole e o seu temperamento, dei-a eu toda a essa obra sublime de Deus! É que eu amo a natureza com os enlevos mysticos e os inexprimiveis extasis com que os antigos ascetas amavam a religião!

Não são portanto os meus versos senão a manifestação d'este sentimento, que me preenche toda em estrofes mais ou menos cadenciadas e melodiosas.

Poeta pelo coração e pelas ideaes aspirações

da fantasia, V. ha de comprehender-me.... mas terá o publico inteiro os mesmos motivos d'indulgencia? Não alcunharia elle d'insolita vangloria e demasiada ousadia, a confiança que me induzisse a apparecer perante o seu severo juizo desacompanhada e desprotegida?

É esse, aqui muito ingenuamente o confesso, o temor que me prende.

Fraca pelo sexo a que pertenço, fraquissima pelos curtos annos que conto de vida, preciso, na devota romaria que vou emprehender ao templo das artes, d'um talisman que me defenda nas aventuras e perigos do caminho.

É pois a V.....
que eu confio os incertos e timidos vôos do meu estro.

.....

Antes de terminar, devêra eu, bem sei, dar a V. a explicação das contradicções e inconsequencias que na minha obra attrairam a sua severidade de critico, occulta por V. com a delicadeza que é tão sua.....

A minha extrema mocidade, comtudo, e, o que é d'ella immediato resultado, a minha pouquissima instrucção, inhibem-me de o fazer satisfatoriamente.

Ninguem m'o levará a mal, estou certissima; e, se é culpa, attenuei-a na franca e sincera confissão que d'ella fiz.

O que em homens de juizo maduro e reconhecida sisudeza é obrigação, e quasi dever, peccára, pelo extremo contrario, no sexo e na idade, cujo mais bello attributo é a modestia.

Não sairei, pois a campo a defender o meu livro. Sujeito-me de antemão resignada á sentença que o publico pronuncie a seu respeito.

Rogo a V. queira mais uma vez acceitar os protestos de verdadeira estima e consideração com que sou — De V. etc. *Maria Amalia Vaz de Carvalho.*»

Parece-me que justifiquei sobejamente, com a publicação d'esta carta, o meu apparecimento aqui.

A autora d'este livro tem, entre muitas virtudes, uma, que é hoje rarissima, — a modestia. Ainda bem! Não quiz afoitar-se a apparecer sósinha no paiz franco, aberto, e sobretudo curioso, da publicidade: esperou encostar-se ao braço firme d'um mestre; mas o sr. Castilho teve que sair de Portugal. Podia procurar ou-

tro, não quiz: reclamou o d'um condiscipulo. Era uma honra que eu, sem descortezia, me não podia recusar.

Não venho fazer a critica do poema: faço apenas a apresentação do livro e da autora, e certo estou de que o publico me ha de ser agradecido, porque lhe sou portador de boas novas e de optimas estreias.

Da autora e do livro o que tenho dito em particular digo-o tambem em publico. Impuz-me a obrigação, e tinha-m'a imposto o decoro, de não esconder nunca, por modesta, a minha opinião:

A senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é um talento d'eleição e d'excepção; o seu poema, uma das mais bellas manifestações de genio poetico que desde muito tempo nos têem surprehendido; e, se attentarmos nos *dezenove annos* de idade da *scismadora menina* de *Pinteus*, todas as comparações são absurdas.

Sublinhei a idade, o sexo, e a morada da nossa poetisa, porque d'aquella trindade surde, não um mysterio, mas a philosophia que tem d'alumiar a critica d'este livro. — A mulher, a innocencia, e a solidão! — A sensibilidade, o murmurio da prece, e as revelações de Deus nas

lições da natureza! — O *ave* segredado ás horas do crepusculo pelo archanjo da poesia! — A virgem modesta haurindo no seu extasis contemplativo o verbo da inspiração! — Só isto explica o milagre e revela a inspirada.

Quereis saber quem foram os mestres em poesia da autora d'este poema? Escutae-lhe um trecho do seu primeiro canto, que não resisto á tentação de transcrever aqui.

Beatriz conversa com sua mãe na singelinha casa campestre: fallam nas desgraças que perseguem a sua familia; conta-lhe sua mãe como nas crueis provações da desdita tem amparado seu esposo, que por motivos politicos teve que fugir da patria que pretendeu tornar livre e grande. Beatriz responde-lhe que acha sublime o destino da esposa-providencia:

— «Ser ao naufrago perdido,
já sem crença e sem conforto,
fanal que lhe mostra o porto
onde vá repouso achar!...
.....
.....
ai! deve conter deleites
d'inexprimivel doçura!
Que importa que a desventura
os condemne á mesma dôr,

se as duas almas unidas,
largando terrenos veos,
juntas se elevam aos ceos
co'as azas niveas do amor!» —

Pasmada a mãe, pergunta-lhe quem lhe ensiu a fallar de gozos que não póde entender; atriz responde-lhe:

— «Quem me ensinou, mãe? pergunta-o
ao doce e triste lamento,
que em tardes d'ameno estio,
ao passar, murmura o vento!
pergunta á flor, que no prado
vegeta livre e contente!
aos suspiros da corrente!
aos astros do firmamento!..

Quem me ensinou?.. quem me disse
que sobre a terra existia
um ceo de terna meiguice
e de fecunda poesia?

Foi o anciar febricitante
d'este inquieto coração!
foram as notas dispersas
do canto da creação!

Foi o hymno de saudades,
que ás horas do pôr do sol,
occulto na ramaria,
vem dizer o rouxinol!

Foram as queixas da rôla
chorando um perdido amor!
foi o zumbido da abelha
haurindo a seiba da flor!

Foi a fragrancia que á noite
se respira no pomar!
foi o gemido tão triste
das tristes ondas do mar!

Foi a fada que passeia
nos floridos matagaes!
foram as auras ligeiras
volitando entre os rosaes!

Foi tudo, tudo, mãe, que a natureza
ao seus eleitos diz, explica, ensina!
segredos que palpitam nas estrellas!
que embalsamam nas flores da campina!» —

Ahi tendes os mestres da formosa poetisa.

Quereis agora vêr a força, a energia do seu espirito? uma feição viril do seu genio? vou transcrever duas estrofes que vol-a porão em relevo.

Quando no canto segundo termina o dialogo entre os dois amantes, a nossa poetisa exclama:

Porque fugís assim, horas avaras?
ó tempo, que não paras,
quando tão rara brilha sobre a terra
essa luz de ineffavel suavidade,

que n'um momento só resume e encerra
a vida, o paraiso... a eternidade!..
Amor sublime, immorredoira essencia,
centelha que derramas na existencia
celeste claridade!

Quando as almas assim, no enleio santo
cedem ao teu encanto,
e accezos corações em sacro lume
procuram a mansão encantadora,
onde entre melodias e perfume
o mago archanjo luminoso mora,
porque lhe pões tão limitada meta,
ó tempo! e em tua rapida ampulheta
cai tão depressa a inexoravel hora?!

Aqui ha profundidade de conceito, elegancia de metrificação, larga expansão de genio, esmero de poesia.

O genero humano é atreito a tentações; eu sinto-me tomado neste momento d'uma, tão feiticeira, tão seductora, e attractiva, que me faria desastrado se um grande esforço de virtude me não tomasse o passo. Sabeis qual era? a de transplantar para aqui muitas das flores d'este ramilhete poetico, mimo de singeleza e de suavidade. Era ser cruel! Ides vel-o e aspiral-o, quero deixar-vol-o inteiro e intacto;

e d'isto mesmo que fiz vos peço perdão, e á autora. Comecei a delinquir, mas fico-me no prefacio do delito. É mais acrisolada temperança.

Mas se não esmalto este canteiro externo, das flores que lá para dentro do portico estão sorrindo e perfumando, seja-me consentido que plante aqui uns loireiros e umas heras que offertaram á mimosa poetisa muitos dos nossos mais aprimorados jardineiros litterarios. Deixae-me engrinaldar o portico com esta rama gloriosa: ha de ser grata ao templo, suave aos romeiros, e amena á sacerdotisa.

O primeiro que saudou poeta a autora d'este poema foi Bulhão Pato, que em 29 de abril de 1863 lhe escrevia este improviso no seu album:

UM VOTO

Tambem faço um voto, Amalia:
Pelo ceo, pelas estrellas,
Por quantas flores singelas
Em abril o prado tem;
Por quantos affectos intimos
Agitam teu seio inquieto,
Ou, antes, por um affecto,
Pelo amor de tua mãe!

Oxalá que o teu espirito
Jámais procure na terra

Sondar as paixões que encerra
Este mar torvo e traidor!
Paira sobre o pégo indomito,
Como a pomba da arca santa!
Desprende as azas e canta,
Nuncia de paz e d'amor!

Depois, no dia 20 de maio de 1866, a voz do nosso mestre, de Castilho, diz-lhe, depois de lhe ouvir recitar a sua *Primavera:*

Mulher sublime, que, sonhando flores,
inda as não vês a transformar-se em loiros!
Ouve na voz dos teus admiradores
a acclamação dos seculos vindoiros!

Nesse mesmo dia vaticina-lhe Mendes Leal que ha de ficar eterno o seu canto:

Na idade e na estação que o riso e as flores gera,
Rompeste, flor, á luz da mais brilhante aurora!
A minha profecia escuta, escuta agora:
«Cantaste, e eterna fica a tua *Primavera!*»

Cordeiro, o gracioso improvisador, que tão debalde se amofina em fugir ingratamente das musas, nesse mesmo dia lhe diz:

Ora sorri, ora geme
a noss'alma extasiada,
quando os teus versos escuta,
ao teu imperio vergada.

Adivinhaste o que sabes; —
deu-te a primavera as flores;
o outomno, deu-te as tristezas;
o inverno, deu-te os horrores:

as flores, com que desenhas
os quadros d'alma ternura;
a tristeza, com que pintas
o chorar da desventura;

horrores com que descreves
do precito a maldição,
ou os gemidos das vagas
em noites de cerração!

Foi teu livro a natureza:
leste o poema de Deus!
e de Deus o amor se escuta
em cada verso dos teus!

Canta, mulher inspirada!
inebria as nossas almas!
Ergue-te! reina sósinha!
São tuas do mundo as palmas!

É depois ainda Mendes Leal que, na occasião em que lhe envia a collecção das suas obras, escreve estes formosissimos versos, que as musas do Sena de certo hão de julgar seus:

Sous les reflets ardents de l'horison vermeil
Une fleur s'epanouit aux baisers de l'aurore:
Dans un moment d'amour, le ciel l'a fait éclore,
Le pied en plein tapis, le front en plein soleil.

Un saule échevelé, penche au loin sa tristesse,
Sur le bord du torrent qui s'élance à grand bruit;
Et sa pauvre dépouille, et ses rameaux sans fruit,
Par l'orage rompus, tombent, tombent sans cesse.

L'arbre un jour voit la fleur; il se courbe longtemps
Ramassant les débris de son humble feuillage;
Puis se redresse, et dit: — «Prenez! Voici l'hommage
De mon été pensif à votre frais *Printemps!*» —

Ahi tendes os diplomas d'ella! Vêde se em tal companhia póde ou deve a festejada musa arrecear-se da publicidade!

O meu preito, embora humilde, tambem lhe não faltou no dia do seu decimo nono anniversario. A 2 de fevereiro de 1866 offerecia-lhe eu estes versos, velados, mau grado meu, pelo crepe d'um luto que me orfanava:

Eis seu dia de festa! eil-a ditosa,
flor a desabrochar entre delicias!
Paes, amigos, cercae-a de caricias!
Aves, é primavera! a rosa! a rosa!

Surgiu, desabrochou entre montados!
é vossa irmã sabeis, comvosco mora!
se cantais, canta, ao pôr do sol e á aurora!
se voejais, voeja entre os jardins e os prados!

Vós a ensinastes a cantar tão cedo
num tom suave o festival gorgeio,

que ao ceo nos leva! e d'esse ignoto enleio
é vosso, é d'ella o divinal segredo!

Celestes viraçÕes, descei, beijae-a!
que eu sei como vos ama, e vos decora
os carmes que ao primeiro alvor da aurora,
passando, murmurais á flor da olaia.

Rusticas notas de canção singela,
sylphos que volitais entre as balseiras,
perfumes das festivas larangeiras,
é hoje o dia anniversario d'ella!..

Saudae-a todos vós! vêde-a ditosa,
flor a desabrochar entre delicias!
Paes, amigos, cercae-a de caricias!
É vinda a primavera! a rosa! a rosa!

Vê, senhora! entre os convivas
que aqui te junta este dia,
só prazer, vida, alegria,
respira, falla, transluz!
Como é que eu, triste e enlutado,
canto em festiva linguagem?
e a tão alegre romagem
que devoção me conduz?

Canto, a recordar as horas
que passei a vosso lado;
lembro um sonho namorado
que teve um triste acordar!
Traz-me aqui uma lembrança
que falla em cantos e flores!

Ai, maga mansão d'amores!
Faz-me esquecer o meu lar!..

.....

Longe, longe esta tristeza!
Prazer, por meus labios falla!
ha brindes, e festa, e gala!
ha juventude, ha viver!
ha poesia, ha formosura,
que a chamma no seio ateia!..
Já meu estro se incendeia...
Ao prazer! eia! ao prazer!..

Brindo á musa d'estes bosques!
brindo ao seu estro divino!
brindo ao prospero destino
que Deus conceda ao seu lar!
a seus paes! á irmã formosa,
coração de fina essencia!
á familia — providencia
dos pobres d'este logar!..

Uma das feições mais distinctas d'este poema é a religião de Christo,—suavissima quando esperança, mil vezes divina quando conforto.

On a beau être poète à l'âme tendre et réveuse, à l'imagination pleine d'espérance et de mélancolie; être chrétien par le cœur et par l'élan comme par la pensée et par la soumission ou n'en est pas moins

de notre âge... diz Delayant na sua ***Eternidade das penas;*** e eu creio que vamos chegando a um tempo em que as flores balsamicas da religião vão precisar dos abrigos da poesia contra as gelidas aragens da filosofia que nos açoita do norte, e a quem nós devemos dizer, como João de Lemos ao livro descrente:

Ai, não, livro, não venceste!
Fechei-te, e no coração
Fechei o crer de christão
Que tu em vão combateste!
Que me davas contra a dôr,
Ou na alegria ou no amor?
Davas-me o peito vasio,
Duro sempre, sempre frio,
E por só consolação
Ter o nada! Combateste
As minhas crenças em vão!
Ai, não, livro, não venceste!

Vão-me chamar reaccionario?!

Ó Evangelho! ó carta d'alforria dos escravos! ó nivelador das preeminencias! ó panthéon dos humildes! ó codigo immortal de todas as liberdades! ó Christo! negam-te a luz os cegos que te diziam — *Domine! miserere mei ut videam!* — negam-te a virtude os Lazaros que se levantaram á voz do teu — *Surge!* — negam-te a di-

vindade os Pedros sobre quem fizeste descer em linguas de fogo a luz da tua doutrina! Foi sempre teu condão seres negado, ó Christo!...

E aqui me ia eu, a sabor da minha indignação de liberal e de christão, guindando este singelo escripto ás alturas d'uma jeremiada! Deixemos as ruinas de Sião, voltemo-nos ás flores da nossa *Primavera*, e terminemos. Já de muito me devia ter lembrado o *Claudite jam rivos, pueri*, de Virgilio. Que querem? Fico-me sempre embellezado horas e horas a contemplar uma paizagem amena, e só com muita difficuldade me resigno ao meu destino de Ashevero!

Este poema não é um jardim decotado, alinhado, symetrico, mathematisado pelo cordel e pela thesoura classica do jardineiro: é uma balseira virgem e densissima de flores de todos os matizes, e folhagens de todos os recortes; essencia de todos os perfumes, e corêto para todos os cantores da primavera. E são tudo gomos novos e tenros! nem um tronco rugoso, nem um ramo despido, ou doente! Fontes a jorrarem da penedia, montanhas arrelvadas, grutas musgo-

sas, horisontes longinquos e transparentes, ondas argenteas ao longe!.... Larga exuberancia de vida, um devaneio sem consciencia, um sonho febricitante da virgem, uma revelação, um arrojo talvez peccaminoso da arte, mas uma opulencia da natureza!...

Ninguem é menos apto, nem menos disposto a lisongear a autora, do que eu. Ella bem o sabe.

Este poema é apenas um preludio; é a tocadora da harpa que percorre todas as cordas e a experimenta em todos os tons: diz-nos que vai tocar e dispõe-nos a estarmos attentos. Este poema é um prologo que nos deixa absortos e curiosos. A promessa é grande; fica em aberto uma enorme divida.

Estes applausos não são uma sagração; traduzem um jubilo intimo, mas vago e indefinido.

Tem voz, cante! tem inspiração, produza! Pertence-lhe o futuro e a gloria, mas por direito de conquista. Caminha no meio de acclamações, vôe aos triumfos! leva corôa de rosas, conquiste o diadema de loiros! passa, esperança florida, cresça genio, e avergue-se de frutos. Para tudo é, se não mentem os horoscopos.

Termina aqui a minha missão. Vou retirar-me e correr o reposteiro.

Um prologo officioso é a opinião singular de quem o escreve; não é sello de chancellaria, nem marca d'alfandega litteraria. O commercio intellectual não paga direito de portagem.

Quem escreve um prologo podia dizer pelos jornaes a sua opinião. É uma questão muito secundaria de methodo! Mas aqui houve uma razão de preferencia: está na carta da autora do poema, que faz parte d'este prologo.

As senhoras portuguezas não costumam apparecer sós em publico; e eu, á falta de melhor, tive a honra de lhe offerecer o meu braço.

Agora logar á critica!

Á illustre neta de Sá de Miranda, autora d'este poema, pertence, álem da nobreza de sangue, a nobreza litteraria, que era tambem de seus avós, e que por tão bons titulos lhe é devida. Quem ousará contestar-lh'a?

Lisboa 28 de fevereiro de 1867

Thomaz Ribeiro.

P. S. Chega ás minhas mãos uma carta do

sr. A. F. de Castilho que vou dar aqui aos leitores. É um escripto do nosso primeiro poeta é uma condecoração litteraria que me não pertence, mas ao livro, á autora, ao publico.

T. R.

Meu Thomaz Ribeiro

Confrade Carissimo: Aqui não ha mestres nem discipulos; V., a nossa poetisa, eu, somos tres crentes na poesia, como unico abrigo em que se póde encontrar ainda neste mundo, coisa que se pareça com felicidade.

Acabo de ouvir o seu prologo ao poema da nossa boa amiga; e não posso ter-me, que não dê a ambos os meus parabens: versos d'aquelles mereciam apresentados numa proza assim. Se fosse licito invejar talentos e horas inspiradas, que invejas não teria eu a ambos neste momento! Mas livra-me desse feio peccado, o affecto cordeal e agradecidissimo que me prende a ambos.

Estou ufano com o poema; ufano com a introducção; a ponto de dar parabens á estrella de todos tres, que desta vez me inhibio de ter a honra de ser eu o apresentante desta juvenil Muza, que nos sahio inesperada como as Dryades, dos troncos da sua florida soledade.

Uma coisa tenho porém agora que reivindicar para a minha gloria, pois bem sabem que me é devida: fallo do titulo do poema; tinha querido a nossa poetisa que eu lh'o baptisasse; fui eu que lhe impuz o nome, duas vezes bem merecido, de — *Uma Primavera de Mulher.* —

Mais nada; mas isto, estas quatro palavras, que para mim são muitissimo, desejo eu que se fique sabendo pertencerem-me.

Diga-o pois ao publico e acceite antecipados os agradecimentos do

Seu

Confrade e amicissimo

Lisboa 2 de março de 1867.

A. F. de Castilho.

UMA PRIMAVERA DE MULHER

POEMA EM 4 CANTOS

CANTO PRIMEIRO

FLORES DA ALDEIA

A poucos passos distante
de aldeia fresca e viçosa,
erguia-se uma casinha,
humilde, pobre, sosinha,
mas inda assim tão formosa!

Enlaçada na janella,
sobre a parede festeira
floria viçosa e bella
uma verde trepadeira,
casando as flores mimosas

aos alvos festões de rosas,
e ás folhas de uma videira.
Perto d'ali, uma acacia,
havia tempos, nascera,
aonde na primavera
vinha o rouxinol cantar;
então, ao sol posto, havia
n'aquelle ninho de amores
das aves a melodia,
e a fragrancia de mil flores.
Nenhum ornato postiço;
nenhuma pompa mesquinha!
ali só a natureza
tinha as honras de rainha,
ostentando os mil primores
da sua infinda lindeza,
e de seus gratos verdores!

Era uma tarde encantada,
d'essa estação namorada,
d'esse mez fascinador,
em que se ostenta garrida,

de mil galas revestida,
a natureza florída,
envolta em mago fulgor!
em que a verde laranjeira
em perfumes se desata,
ao soltar a flor de prata
á brisa doida de amor...
em que os lirios da campina
pendem a fronte divina
de alvas perlas adornada,
e uma voz misteriosa
entôa aos nossos ouvidos
essa harmonia saudosa
de um passado que morreu...
vago som de intima lyra
que nasce... vibra... e que expira
longe e bem alto! — no ceo!

Que tarde!... oh! Deus!... que doçura
se respirava no val'!
Que murmurios na espessura!
que fragrancias no rosal!

Era a hora em que os pastores,
tangendo na flauta amores,
vão seus gados recolher...
a hora em que o sol desmaia
beijando a areia na praia,
nas ondas indo a morrer!...
a hora em que vibra o sino
convidando á oração,
esse conforto divino
ás penas do coração,
esse astro de mago influxo
no vendaval da paixão!
A casinha silenciosa,
leda, tranquilla, feliz,
soltava ás travessas auras
ligeira chuva olorosa
de variegado matiz,
ao sacudir do seu manto
as verdes pregas gentis!...

A janella emmoldurada
das folhas da trepadeira,

veio abril-a mão pequena
de brancura feiticeira;
descobrindo um cortinado
todo garrido e nevado,
a fluctuar embalado
pela viração fagueira!
Nenhuma voz, por instantes,
o silencio perturbou;
depois um canto argentino,
fresco, mavioso, divino,
celeste voz murmurou!

Era um gemido de rôla
a carpir na soledade!
Um anjo a contar tristezas
de uma infinita saudade!

Havia o suave enleio
de um virginal coração
nas notas d'ess'harmonia,
nas perlas d'essa canção!

—«Que novos sonhos me agitam?
«que mais desejo, ó meu Deus?!
«porque sinto, olhando os ceos,
«esta vaga commoção?
«porque amo tanto as estrellas?
«porque adoro assim as flores?
«e porque fallo de amores
«sem saber o que elles são?

«Hontem, despontava a lua
«na celeste immensidade;
«astro de amor e saudade
«com seu clarão me inundou;
«e o rouxinol d'entre as balsas,
«ao contemplal-a encantado,
«um modilho apaixonado
«em flebil voz murmurou!

«A brisa beijava a rosa
«com delirante avidez,
«e eu não sei que languidez
«dentro no peito senti!

«Eu já tinha visto a lua,
«e escutado a philomela;
«porém noite assim... tão bella,
«não sei porquê... nunca vi!

«Já não doidejo nos prados
«perseguindo a borboleta!
«tenho um desejo sem meta,
«uma infinda aspiração!
«Que novos sonhos me agitam?
«que mais desejo, ó meu Deus?!
«porque sinto, olhando os ceos,
«esta vaga commoção!» —

Calou-se a voz!.. e os echos repetiram
brandamente a suavissima harmonia,
que n'esse canto ameno e voluptuoso
se exhalava em torrentes de poesia!

Um vulto branco, fragil, donairoso,
veio inclinar-se á beira da janella;
e, derramando a vista pelo espaço,
poisou na mão a face nivea e bella!

Que formosa!.. do sol já no occidente
vem o reflexo extremo colorir
aquella fronte jaspeada e pura,
que nem sequer suspeita o que é mentir!

Tem olhos negros!.. negros como a noite!..
mas de um brilho profundo, misterioso!..
olhos que n'um volver fugaz ou languido
sabem cifrar um mundo... um ceo de goso!

Soltas as finas tranças lhe afagavam
do collo airoso o deslumbrante alvor!
a tez mimosa, pallidas as faces...
Invejam-lhe anjos o infantil pudor!..

Ficou-se por instantes pensativa,
absorta em mago indefinido enleio!
vagos desejos lhe brotavam n'alma,
batia-lhe agitado o casto seio!..

Meu Deus!.. que lhe diriam n'esse instante
do seu rosal os tepidos bafejos?

Porque entregava a fronte embevecida
das loucas virações aos loucos beijos?

Era moça e gentil; que lhe faltava?
porque tantos anhelos de ventura?
nunca a desgraça aos purpurinos labios
lhe aproximára a taça da amargura!..

e padecia!.. e sofrega aspirava
ás ignotas delicias da paixão!..
e tremia enleiada e palpitante
de um vago amor na vaga agitação!

Os perfumes, o encanto indefinivel
d'ess'hora de ternura e languidez,
os effluvios da fresca primavera,
da solidão a infinda placidez,

tudo embebera a descuidosa virgem
n'um scismar doloroso e seductor!
depois... sorriu... corou baixando os olhos,
e murmurou baixinho:.. amor!.. amor!..

Oh! não vás, anjo celeste,
manchar a candida veste
da terra no lodaçal!
Ai, flor de ignorada essencia,
na tua casta innocencia
tens thesoiro divinal!

Contém a terra delirios,
agonias, e martirios,
que não sabes entender!
Ha muita angustia escondida
sob a mascara fingida
de um sorriso de mulher!

Ai! foge, avesinha implume!
não te aproximes do lume,
que te quer, sem dó, queimar!
O amor é profundo abysmo,
onde em fatal paroxismo
vai muita crença expirar!..

És joven!.. e a juventude
tem n'alma tanta virtude!
é tão facil de illudir!
Oh! não te engane essa imagem,
que em fementida miragem
vês ao longe reflectir!

Ai, virgem! medita e sonha!
brinca nos prados risonha!
hymnos envia ao Senhor!
mas não queiras lêr da terra
os misterios que ella encerra
em livro de negra côr!

Intentas erguer o veo,
que te encobre avaro o ceo
sonhado uma vez por ti!
Lanças-te ao mar inexperta,
na crença tão firme e certa
de um astro que te sorri!

Beatriz; tal se chamava
a donzellinha gentil,
que vimos a vez primeira,
por tarde amena de abril,
a disputar primasias
com as mil fragrantes rosas,
que descoravam raivosas
ao vêr tão linda rival,
e que a viração deixava
para se ir brincar nas tranças,
que em mil reflexos doirava
a luz do sol festival!

A casa onde ella habitava
havia cerca de um anno,
era na aldeia visinha
chamada—a casa do val'.
Por muito tempo ninguem
n'aquelle sitio vivera.
Um dia de primavera,
os aldeões, ao passarem
pela casa inhabitada,

viram-n-a fresca e florída,
mais linda e mais enfeitada.
Soube-se então que assistia
n'essa casa feiticeira
uma familia estrangeira,
que de longe era chegada.

Era um anjo para os pobres
a formosa Beatriz;
era o que o povo dizia;
e é lei o que o povo diz.

Entrae comigo, leitores,
n'essa elegante guarida,
que dissereis o recinto
de alguma fada escondida,
que do seu ninho de amores
espalhava taes primores
sobre a veiga embalsamada,
sobre a campina florída!

Era n'um quarto risonho,
fresco, alegre, perfumado;

fino, airoso cortinado
em pregas de lactea alvura;
na meza, um ramo de flores;
virginal, garrido leito;
tal era o formoso aspeito
d'este asylo de ventura.

D'esse leito á cabeceira
um crucifixo pendente;
celeste, mystico emblema
a proteger a innocente,
dando-lhe a benção divina,
cubrindo-a com seu amor,
velando-lhe os leves somnos
que no Empireo a vão repôr!
É da formosa donzella
o sublime guardador;
que a prece da virgem bella
acolhe-a sempre o Senhor.

Era noite. De alabastro
um vistoso lampadario

no virginal sanctuario
lançava tibio clarão;
e duas femineas vozes
murmuravam confundidas
mimosas fallas sentidas,
da mais sagrada affeição!

— «Vem, minha filha, meu anjo,
«flor na minh'alma nascida;
«só tu encantas a vida
«dos teus desditosos paes!
«sob o teu manto innocente
«fugimos á estrella infausta;
«já de sevicias exhausta
«a sorte escutou meus ais!..

«Filha, quanto padecemos
«n'este deserto do mundo!
«mas do abismo ao ceo jucundo
«a tua mão nos conduz!
«que nas ancias do martirio,
«nas saudades do proscripto,

«tu és o fanal bemdito,
«mostrando a celeste luz!

«Vês teu pae, ao pezo horrivel
«da desventura alquebrado?
«já foi grande e venerado;
«já entre os seus avultou!
«Era bravo, justo, e forte;
«viu na patria a tyrannia;
«teve uma santa utopia:
«á liberdade aspirou!..

«Quiz insufflar n'outras almas
«do fogo que dentro o inflamma
«a ardente e sagrada chamma:
«dos vis despotas, horror!
«concebeu a immensa idéa
«em nobre visão gloriosa
«de tornar livre e ditosa
«a patria do seu amor!

«E teve os baldões do povo,
«em vez de laureis de gloria;
«e, por tropheos de victoria,
«os gritos de maldição!
«e, por amigos traído,
«de mil calumnias manchado,
«foge o nobre desterrado
«sem patria... sem lar... sem pão!

«Ai! mas na atroz desventura
«tinha uma amiga extremosa!
«fui-lhe mãe, amante, esposa,
«n'essa amarga provação!
«juntos vagámos errantes
«como a proscripta Israel,
«pedindo á sorte cruel
«a terra da promissão!

«E essa terra tão pedida
«por longos, chorosos dias,
«esse oasis de harmonias,
«mira dos sonhos febris,

«essa estrella seductora,
«de brilho casto e formoso,
«és tu, meu lirio mimoso!
«meu anjo!.. minha Beatriz!..» —

— «Pobre mãe, que martirio ignorado,
«a tua alma tão pura ha soffrido!» —

— «Mas que importa, Beatriz, se a teu lado
«encontrei dos tormentos o olvido!» —

— «A tua sina foi triste;
«mas foi tão bella, inda assim!..
«antes que ameno jardim,
«eu quizera esse areal!
«que eu presinto n'essa angustia,
«n'essa incrivel amargura,
«não sei que infinda ventura,
«e que jubilo immortal!..
«Ser ao naufrago perdido,
«já sem crença e sem conforto,
«fanal que lhe mostra o porto

«onde vá repouso achar!..
«onde apoz tantas tormentas,
«tantas lides e cansaços,.
«encoste os seus membros lassos,
«possa livre respirar!..

«Ser de um'alma grande e bella
«seguro e suave esteio...
«sentir bem junto do seio
«palpitar um coração!..
«brotar flor de etherea essencia
«em florea manhã de maio
«junto do roble, que o raio
«lascára e prostrou no chão!..

«Ai! deve conter deleites
«de inexprimivel doçura!
«Que importa que a desventura
«os condemne á mesma dôr,
«se as duas almas unidas,
«largando terrenos veos,
«juntas se elevam aos ceos
«co'as azas niveas do amor!» --

—«Creança!.. sonhos p'rigosos
«tens sonhado tão sosinha!
«Quem te ensinou, filha minha,
«taes loucuras a dizer?!..
«porque fallas tu de gosos
«que nem podes entender?..»—

—«Quem me ensinou, mãe? pergunta-o
«ao doce e triste lamento,
«que em tardes do ameno estio,
«ao passar, murmura o vento!
«pergunta á flor, que no prado
«vegeta livre e contente!
«aos suspiros da corrente!
«aos astros do firmamento!..

«Quem me ensinou?.. quem me disse
«que sobre a terra existia
«um ceo de terna meiguice,
«e de fecunda poesia?

«Foi o anciar febricitante
«d'este inquieto coração!
«foram as notas dispersas
«do canto da creação!

«Foi o hymno de saudades,
«que ás horas do pôr do sol,
«occulto na ramaria,
«vem dizer o rouxinol!

«Foram as queixas da rôla
«chorando um perdido amor!
«foi o zumbido da abelha
«haurindo a seiba da flor!

«Foi a fragrancia que á noite
«se respira no pomar!
«foi o gemido tão triste
«das tristes ondas do mar!

«Foi a fada que passeia
«nos florídos matagaes!

«foram as auras ligeiras
«volitando entre os rosaes!

«Foi tudo, tudo, mãe, que a natureza
«aos seus eleitos diz, explica, ensina!
«segredos que palpitam nas estrellas!
«que embalsamam nas flores da campina!» —

A mãe, ouvindo-lhe a voz
vibrante de commoção,
vendo-lhe os olhos tão bellos
reluzentes de paixão,
ficou scismando abatida,
como quem teme anciosa
vêr nas procellas da vida
desfolhado esse botão.
Depois, compoz-lhe os cabellos
caídos em desalinho;
cobriu-a do niveo manto
do seu maternal carinho;
e disse, expressando as maguas
n'um contrafeito sorriso:

—«Ai, anjo do paraiso!
«o mundo quer-te perder!..
«És qual teu pae foi outr'ora!..
«a tu'alma ingenua e pura
«será grande na ventura;
«porém... maior no sofrer!
«Olha, filha, ha corações,
«que á terra empresta o Senhor,
«para lhe serem tornados
«um dia, purificados
«nas fragoas da acerba dôr!..
«Quem sabe se tu pertences
«a taes eleitos, querida,
«alma de crenças vestida,
«coração cheio de amor!..»—

Passavam as horas, a noite corria;
e o quarto da virgem calado ficou!
e a luz, que na meza tão placida ardia,
o rosto dormente de um anjo afagou!..

CANTO SEGUNDO

PRIMAVERA!..

Eis-nos em pleno maio!.. a natureza
cinge a grinalda branca nupcial!
hymnos cantam as aves na deveza
em côro delicioso e festival!

Eis-nos em pleno maio!.. que perfumes,
e sorrisos, e galas, e harmonia!
nas campinas as flores em cardumes!
por ceos e terra mystica poesia!

Eis-nos em pleno maio!.. é vinda a fada
voluptuosa do prazer e amores!
Ide beijar-lhe a trança perfumada!
eia!.. impunhae a lyra, trovadores!

Chegou o mez da pallida açucena!
o mez em que sorri a olaia em flor!
o mez em que a planicie é mais amena!
em que os astros do ceo têm mais fulgor!

Aqui um tronco rude, triste, annoso,
se desata em festões de flores mil!
ali o *alegra-campo* melindroso
exhala o vago aroma tão subtil!

E dos bosques na espessa ramaria
que verde manto ás auras despregado!
que divinos prodigios de harmonia
n'esse recinto umbroso e embalsamado!

São as aves!.. aereas companheiras
dos prados, dos jardins, e das florestas,

que procuram as sombras feiticeiras
para theatro de aprazíveis festas!

São as aves, poetas!.. vinde vel-as,
vinde ouvir-lhes seus canticos gentis!
oh! tentae se podeis cantar como ellas
o azul dos ceos!.. dos prados o matiz!..

Da primavera o sôpro animador
espalha em roda o pollen fecundante!
a vida reproduz-se em cada flor,
que estremece cheirosa e palpitante!

A brisa, que suspira entre boninas,
ama da relva o róscido verdor;
a desmaiada rosa das campinas
na hastea tremente diz baixinho: amor!

O ribeiro em seu leito recurvado
vai contando aos salgueiros mil segredos!
a toutinegra o cantico inspirado
manda á copa gentil dos arvoredos!

Ama o templo no valle solitario
do sol da tarde os beijos vacillantes,
doirando-lhe o saudoso campanario,
que sorri mais festivo aos caminhantes!

A vaga beija as praias! o rochedo
ama das vagas o gemer afflicto!
a soidão ama o rustico olivedo!
a aurora, a flor! os astros, o infinito!

Natureza, em teu seio tão fecundo
é amor quem domina, reina, impera!
foi amor quem tirou do nada o mundo!
foi amor quem creou a primavera!

Corria pois o formoso
mez de alegrias e amor!
ao nosso valle ditoso
vamos levar o leitor!

Vamos vêr se um anno inteiro
poude mudar Beatriz;

se é inda o anjo fagueiro
tão risonho e tão feliz!

Vamos vêr se inda ao sol pôsto,
sentada á sua costura,
tem, no mesmo lindo rosto,
a mesma graça e ternura!

Se é inda o lirio mimoso
rico de seiba e frescor,
dando o aroma delicioso,
dando o immaculado alvor,

e os seus risos encantados,
e os seus mimos virginaes,
aos dois troncos despojados
pelos sôpros invernaes!

Era noite... d'essas noites
brandas, tepidas, suaves,
em que se calam as aves,
e só falla o coração!

em que no ambiente se infiltram
aromas que verte a rosa;
em que a branca mariposa
vôa da lua ao clarão!

Era noite!.. que misterios
esta palavra não diz!..
hora de gosos ethereos,
de magas visões subtis;
hora em que vôam as fadas,
soltas as tranças doiradas,
das campinas perfumadas
por sobre o floreo matiz!

Quem é que á noite não sonha
poemas de ignoto amor?..
quem não decifra misterios
no calix de cada flor?
nos beijos de cada brisa?
de cada luz no fulgor?..

Ergueu-se pallida a lua
nas soidões do firmamento;
a brisa um doce lamento
por entre as sebes soltou;
das palpitantes estrellas
desmaiou a ardente luz,
e o cantor que nos seduz
seus preludios encetou.

A acacia toda florída
parece um floco de neve,
onde as auras ao de leve
travessas vem sussurrar;
e no banco sombreado
da farta verde ramagem
flexivel aerea imagem
n'esse instante vem poisar!

É Beatriz... é! que da casa
pela porta descerrada
essa visão namorada
saiu ligeira a correr.

Vejo aos reflexos da lua
sua face encantadora,
mais triste, mais scismadora...
porém linda a mais não ser!

Alguem lá corre a encontral-a!
é mancebo alto, elegante!
no seu fundo olhar brilhante
lê-se d'alma a vastidão!
fronte larga e soberana,
porte soberbo e garboso,
e de um sorriso amoroso
no rosto a meiga expressão!

—«Beatriz!»—exclamou beijando
com delirio a nivea mão.
Que loucura!.. que paixão!..
e que sofrega avidez!..
—«Vasco!..»—suspira a donzella
inclinando a fronte bella
toda incendido pudor
e assustada timidez!

Seguiu-se um longo silencio;
e que fallas eloquentes
podem dizer as delicias
d'essas sagradas primicias
que aos amantes dá o amor,
quando o coração trasborda
de seiva, crenças, e ardor!

Onde encontrar a palheta
molhada em tintas do ceo,
para os sustos de Julieta
e os delirios de Romeu?..

A noite... o silencio... as brisas
no seu incerto adejar!
duas almas enlaçadas,
que a ternura vem casar!
a communhão sublimada
de dois seres confundidos,
no mesmo affecto incendidos,
no mesmo alvoroço a arfar!..
elle, todo ardencia e vida,

fogo, energia, paixão!..
ella, pallida, abatida,
timida rosa nascida
junto ás fauces de um volcão!..

— «Vasco, a Virgem me perdôe,
«se foi crime ao teu pedido
«não saber eu resistir!..
«Ai!.. tenho medo, querido...» —

— «Medo de quê, minha pomba,
«minha pomba estremecida?
«Crime?!.. crime dar-me a vida
«n'esta delicia sem fim?
«arrancar-me a esse martirio,
«ao desespero, á loucura,
«e dar-me as rosas do empireo
«nos gozos d'esta ventura?!
«Crime?!.. deixar que um instante
«que passa breve e minguado
«eu respire o casto aroma
«do teu seio immaculado?..
«Ai, rosa, que me feriste!..» —

—«Oh! não... fico assim mais triste...
«Já vejo que te affligi!..
«já nos teus labios não ri
«a alegria de ind'agora!..
«e eu... que desejava est'hora
«para em jorros a ventura
«poder n'ella derramar!..
«baldada esp'rança!.. bem vejo...
«foi mentido o meu desejo!..
«Se eu não sei senão chorar!..» —

—«Emfim eis-te inda uma vez
«qual eu te adoro!.. anjo e fada!
«mixto angelico e sublime
«de ardencia e de languidez!
«ora pendendo alquebrada
«a tua fronte velada
«a dizer só timidez;
«ora ateiando em teus olhos
«essa chamma que incendeia,
«e o sangue de veia em veia
«apressado faz correr!

«Eu ajoelho ante a virgem;
«porém... adoro a mulher!..

«Minha Beatriz, ao teu lado
«como eu acho a noite bella!
«Vês o brilho d'essa estrella,
«do ceo no manto azulado?
«Que luz tão serena e pura!
«pharol de immensa doçura,
«de esplendor immaculado!..
«Vou pedir-lhe para vêl-a
«sempre na vida luzir,
«unida ao nosso destino,
«sorrindo ao nosso porvir!

«Como a noite está formosa!
«que celeste placidez!
«Sou feliz!.. acho a ventura
«no meu caminho outra vez!..
«e és tu, visão deliciosa,
«pomba de infinda ternura,
«que arrancas a taça impura

«dá minha tremula mão!
«que nas tuas azas candidas
«me elevas ao paraiso;
«que sácias n'um sorriso
«minha eternal ambição!..» —

—«Vasco, por Deus! nem sei mesmo
«se é peccado ouvir-te assim!
«á minha alegre existencia
«quem me apontára este fim?..
«da vida entrára na senda,
«sem ambições, mas sem medo...
«não tinha n'alma um segredo
«que escondesse a minha mãe!..» —

—«Mas, dize: agora és só minha,
«só minha, de mais ninguem?» —

— «Sim, sou tua! desde ess'hora,
«a primeira em que te vi,
«sonho, penso, vivo em ti!..
«por ti só quero morrer!..
«Bate-me oppresso, agitado,

«em delirio o coração!
«Sou tão feliz a teu lado!
«mas não da felicidade
«que eu sonhava, que era minha,
«quando ligeira e sosinha
«brincava no floreo prado!

«Venturas onde ha tormentos,
«as minhas venturas são!..
«nunca o socego da infancia...
«sempre ignota agitação!..» —

— «Mas não gozas tu, se a vida
«a longos haustos devoras,
«e centuplicas as horas
«n'um momento de paixão?!..» —

— «Vasco, é tarde; já riscaste
«d'essa inconstante memoria
«que me has promettido a historia
«contar-me do teu passado?..
«Das alegrias e penas,

«que tens sentido na vida,
«quero a partilha querida,
«quero o quinhão avultado!..» —

— «Tu, a formares desejos,
«eu, ante elles a ajoelhar!..
«mas tremo ao vêr que o passado
«vou sem dó resuscitar.
«Nada ha na minha existencia
«que recorde extincta gloria;
«são tudo folhas de um livro
«que se apagam da memoria!
«Muita esp'rança desfolhada,
«muita rosa fenecida,
«e n'um sacrario escondida
«uma imagem adorada!..
«Colhamos n'este momento
«prazeres que o sentimento
«nos dá com prodiga mão!..
«dize, dize-me outra vez
«essas palavras queridas!..
«de teus labios peregrinos

«é tão amena a expressão!..
«Dize que a mim só adoras!
«a mais ninguem... a mais nada!..» —

— «Não, Vasco, a Mãe adorada,
«o anjo que me creou,
«meu Pae, o nobre proscripto,
«martyr do bem que sonhou...
«n'est'alma estão confundidos
«com tua imagem querida!..
«Sois parte da minha vida!..
«rezumo de vós eu sou!» —

— «Ingrata!» — «Porquê?» — «Porque amas
«outros entes mais do que eu!
«quando reinas sem partilhas,
«quando és só, no peito meu!..» —

— «Enganas-te!.. o mesmo affecto
«dentro em nossos peitos lavra!
«o teu, ambicioso, inquieto,
«irrompe em lava fervente

«n'essa impetuosa palavra!
«O meu, não!.. sublime e santo
«vem minh'alma engrandecer!
«por ti morrêra contente,.
«mas não traíra o dever!..» —

E os labios da virgem, que anima o pudor,
sorriram n'um gesto de immensa ternura;
e Vasco, cingindo-lhe a breve cintura,
a mão delicada beijou com ardor!..

O mancebo principia
a narração promettida;
ella escutava-o attenta,
pezarosa e commovida!..

— «Meu anjo, tu que aspiras desde a infancia,
«occulta em teu recinto embalsamado,
«com alma e coração
«o vago aroma, a timida fragrancia
«que exhalam nas campinas e no prado
«as flores da soidão;

«tu que, abrindo os teus olhos divinaes,
«vês coada na rama do arvoredo
«a luz da rosea aurora,
«que as suas alvas perlas orientaes
«vem offertar com timidez e a medo
«ao lirio que a namora;

«que ás vezes, solitaria e pensativa,
«vais contemplar a face vaporosa
«da candida vestal,
«que lá do ceo por bella noite estiva
«se espelha na corrente buliçosa
«de limpido cristal;

«tu, serena visão suave e pura,
«que em extasis de amor o Omnipotente
«á terra fez baixar;
«avesinha ligeira da espessura
«que tens no seio e na singela mente
«querer, sorrir, cantar;—

«mal sabes em tua candida innocencia
«o que é de uma cidade tumultuosa
«o cego turbilhão!
«como ali se corrompe uma existencia,
«e como se emmurchece a flor viçosa
«de um virgem coração!..

«Tudo ali, Beatriz, é fingimento!
«tudo oiropeis, e sombras, e mentira,
«e vaidades, e pó!..
«ali succumbe o peito ao desalento;
«mal se ouve o som de vacillante lyra
«que geme triste e só!..

«A harmonia da festa, os sons da orgia,
«suffocam os gemidos lastimosos
«da pallida orfandade,
«que em vão estende a mão gelada e fria,
«que em vão supplíca erguendo olhos chorosos
«da fome na anciedade!

«Nas aras do prazer, ao luxo odioso
«sacrifica-se a crença, a juventude,
«a paz da consciencia!..
«surge o abismo!.. e em correr vertiginoso
«precipita-se a placida virtude
«de envolta co'a innocencia!

«Mas estremeces, filha, e nos teus olhos
«a perola do pranto já scintilla
«das palpebras pendida!
«ao veres erriçados taes abrolhos...
«teu assustado espirito vacilla?!
«Não chores, não, querida!

«Minha pomba de neve, aqui nascida
«no teu musgoso ninho, entre as caricias
«do maternal amor,—
«foi ali que eu surgi á luz da vida,
«e que eu provei as perfidas delicias
«d'esse enganoso ardor!

«Foi ali que eu vivi por longos annos,
«por dias de tristeza e desalento,
«por noites sem doçura;
«ali traguei o fel dos desenganos,
«e senti abismar-se o pensamento
«em ondas de amargura!

«E eu amava do baile esplendente
«a irritante e lasciva harmonia!
«e da valsa no giro fervente
«commoções indiziveis sentia!

«E insaciavel de novos prazeres,
«tendo só por divisa = gozar, =
«immolava os mais sacros deveres
«no mundano sacrilego altar!..

«E vogava entre o bando elegante,
«que n'um Eden tornava o festim,
«como a abelha fugaz e inconstante
«que o seu mel vai pedir ao jardim!

«Mas jámais, n'essa turba vaidosa,
«descorada das dançcas no ardor,
«encontrei a visão deliciosa
«que eu tivera n'um sonho de amor!..

«Eram lindas, e tinham nas fallas
«provocante harmonia sem par!..
«á belleza juntavam as galas;
«artificio á viveza do olhar!

«mas não tinham da casta deidade
«que eu na mente sonhára uma vez
«o perfume, o sorrir, a saudade,
«a celeste ideal timidez!..

«E eu sofria, aspirando ás delicias .
«de um affecto mais nobre e mais puro!
«e sonhava de um anjo as caricias,
«nas aereas visões do futuro!..

«Bem vês pois; a minha vida
«foi constante aspiração!

«mil vezes a fé traída
«por viver luctára em vão!
«primeiro buscava a estrella
«que me encantava a existencia;
«depois buscava esquecel-a
«do prazer na escandecencia;
«mas o meu sonho... a poesia,
«sempre, sempre me seguia,
«e nos seus olhos ardia
«a casta luz da innocencia!

«Uma vez, á saciedade
«que me alcançára, fugi;
«procurei a soledade,
«vim morar perto d'aqui.
«Vim vêr se da natureza
«no thesoiro inexgotavel
«achava o gozo ineffavel
«que buscára sempre em vão!
«vim correr livre nas selvas,
«internar-me nas florestas...

«quiz vêr se o echo das festas
«não chegava á solidão!

«Uma tarde... era sol posto,
«não te lembras d'esse dia?
«como furtiva alegria
«illuminava o teu rosto!
«Vi-te... oh!.. vi-te... e n'esse instante
«a minha visão radiante
«aos olhos me appareceu!
«vi-te!.. e esqueci a existencia,
«aspirando a grata essencia
«do sonhado porvir meu!..
«Triste, cançado, abatido,
«voltava de uma caçada;
«corrêra campos sem fim,
«montes, bosques e alcantis;
«eis n'um rodeio da estrada
«vejo um grupo... e fico immovel!
«vi o que a voz me não diz!..
«Eras tu, pallida imagem,
«que em sonhos vi tanta vez!..

«afagava a branda aragem
«do teu riso a languidez!..
«eras tu, sonho fulgente,
«meigo archanjo pensativo,
«que da crença o facho ardente
«me apontavas redivivo!
«Tua mãe perto assentada
«tinha nò rosto gravada
«a persuasiva eloquencia
«de um maternal coração:
«forte como a Providencia;
«mavioso como a oração.

«O fim sábel-o, querida!
«como eu te amei... como a vida
«a teu lado me correu!
«como teus pais me acolhiam,
«e benignos me sorriam
«com sorrir que era do ceo!..
«Sabes tudo... ai! não... que o affecto
«que eu sinto no coração,
«occulto sem ser secreto,

«ai!.. tu não m'o entendes... não!..
«É fogo, é vivida chamma
«que me incendeia e me inflamma,
«me assassina e me seduz!
«saudade que me alimenta!
«ciume que me atormenta!
«que é na terra a minha cruz!..
«Quero um amor exclusivo,
«que seja só para mim!
«tenho ciumes da rosa
«que aspiras no teu jardim!
«tenho ciumes da lua,
«a quem dizes teus segredos!
«ciumes dos arvoredos,
«entre os quaes tu vais brincar!» —

— «Mas não sabes tu, meu Vasco,
«que a tua imagem querida
«é quem vem sempre na vida
«ante os meus olhos pairar?
«Quando eu pelos ceos contemplo
«as nuvens, listões de prata,

«sempre n'ellas se retrata
«a sombra tua adorada!
«se livre corro nos bosques
«é só para em ti scismar!..
«se oiço os murmurios das auras,
«n'elles oiço o teu fallar!»—

—«Deus te pague, anjo formoso,
«filha ingenua do Senhor,
«o prazer delicioso
«que esses teus labios me dão!
«Sim... é meu teu santo amor!
«por mim teus affectos são!
«sou eu que reino sosinho
«n'esse virgem coração!..»—

E Vasco, doido, anhelante,
aos pés d'ella se prostrou;
e quem lhe contára o tempo
que extasiado a contemplou!..

E a veladora lampada nocturna
da sua argentea urna
inundava de pallido fulgor
este ditoso quadro celestial,
casto poema d'infinito amor,
concerto de dois cisnes divinal,
de duas almas lúcida união,
que nas ethereas azas da paixão
buscavam o ideal!

Porque fugís assim, horas avaras?
ó tempo, que não paras,
quando tão rara brilha sobre a terra
essa luz de ineffavel suavidade,
que n'um momento só resume e encerra
a vida, o paraizo... a eternidade!..
Amor sublime, immorredoira essencia,
centelha que derramas na existencia
celeste claridade!

Quando as almas assim, no enleio santo
cedem ao teu encanto,

e accezos corações em sacro lume
procuram a mansão encantadora,
onde entre melodias e perfume
o mago archanjo luminoso mora,
porque lhe pões tão limitada meta,
ó tempo? e em tua rapida ampulheta
cai tão depressa a inexoravel hora?!

Em vão tentára á triste despedida
contar as maguas, exprimir o ardor!..
sonhae-a vós que tendes já na vida
provado o calix d'essa immensa dor!..

Foram promessas de se verem cedo,
e juramentos de eternal paixão!
foi mais baixinho um timido segredo,
foram mil beijos sobre a nivea mão!

Depois... mais nada!.. o campo ermo e deserto!
uma só voz a ciciar ficou:
era da brisa o murmurinho incerto,
que entre a ramada a suspirar passou!

CANTO TERCEIRO

«ADEUS!»

Adeus, ó quadros risonhos!
adeus, esp'ranças e amor!
adeus, ó ditosos sonhos
de aurea e matizada côr!
Canta, canta, ó minha lyra,
a dôr que geme e suspira,
fitando os olhos nos ceos!
Canta a pallida tristeza,
que é bella... que tem grandeza,
se ajoelha aos pés de Deus!

Não a dôr que aos seios d'alma
suga alento, e seiva, e vida,
que a deixa depois perdida
nos delirios da paixão;
mas a magua que depura,
como um divino crisol;
que tem na fronte alva e pura
reflexos de ignoto sol;
a quem a mão sublimada
da santa resignação
de uma aureola circumda
de vivo intenso clarão!
Canta a martir abatida
pelas luctas do sofrer,
que se curva dolorida
á santa voz do dever;
que suffoca dentro n'alma
desejos, sonhos, ternura,
e tomando ao hombro a cruz
corre a colher outra palma;
que se vota á desventura
pondo os olhos n'outra luz!

Era n'um quarto pouco alumiado
pelo debil clarão de um velador,
que a todos os objectos em redor
dava uma vaga forma e côr sombria.
Ás vezes um gemido triste e afflicto,
perturbava o silencio da mansão,
e doce voz a dar consolação
ao pobre, que no leito ali jazia!

Ao pé do leito, nas funereas dobras
da triste escuridão quasi envolvida,
fragil mulher chorosa e dolorida
se enxergava tremendo a soluçar!
era d'ella essa voz tão mansa e triste,
qual suspiro da brisa entre os mirtaes!
eram d'ella os consolos divinaes,
doce bonança no agitado mar!

Que triste o leito, ao pé do qual a morte
vaporosa e terrivel vem poisar!
ai!.. que visões febris!.. que delirar!..
que assombrosa agonia!.. que pavor!..

Deixar na terra os entes adorados,
deixal-os sem auxilio e sem conforto!
e pensar: «Que farão depois de eu morto
os anjos que eu velei com meu amor?»

Senhor! do amargo calix da existencia
é esse o trago que nos dá mais fel!..
é esse o trance funebre e cruel,
que em pedaços nos rasga o coração!..
Christo, o martir sublime do Calvario
suou lenta agonia entre olivedos!..
Quem sabe, ó Deus!.. quem sabe que segredos
a morte com a vida passa então!..

Ao longe surge carregada, informe,
a imagem de um futuro indecifravel,
onde echoa severa, inexoravel,
da consciencia a voz, sempre a bradar!
entre veos de saudade as magas scenas
de um tempo que foi bello... e que passou!
meiga luz que outros dias lhe doirou,
e que a morte vai prestes apagar!

Oh!.. vêde o moribundo!.. entre os dois quadros
que lhe pintam a vida e a eternidade,
tem no pallido rosto, da anciedade
o desenho tão triste e tão fiel!
Na escuridão profunda busca a estrella
que os seus incertos passos guiará!
Do que foi se arrepende!.. o que será,
em vão pergunta n'um anciar cruel!

É então, ó mulher, é n'esse instante,
que os teus meigos e próvidos carinhos
fazem flores brotar entre os espinhos,
e fragrancias nos aridos sarçaes!..
Oh! então és tu grande... então és bella,
entoando nas ancias do teu pranto
esse hymno de consolo terno e santo
só composto de notas celestiaes!

Não é nas salas, ao clarão dos lustres,
não é no infrene voltear das danças,
não é entre delirios e folganças
que tu és bella, e brilhas, ó mulher!

mas és santa no albergue da indigencia!
és sublime do leito á cabeceira,
onde anceia na febre derradeira
o pae... o esposo... o irmão... que vai morrer!

Ai! então sim!.. tua voz flebil, suave,
tem sublimes arrojos de eloquencia!
tu serenas a voz da consciencia,
e da crença remoças o vigor!
para cada ferida ensanguentada
tens um divino balsamo ineffavel,
que, desvelada, tremula, adoravel,
derrama a tua mão-cheia de amor!..

Se ouvires que nos ocios da opulencia,
entre sophás de seda e de brocado,
tendo a teus pés um mundo extasiado
da luz que esplende em teu olhar divino,
se ouvires que a existencia assim é bella,
que dá gloria uma vida ali passada,
e que sempre de incensos mil cercada
respirar e viver é teu destino;

oh! não creias, mulher!.. mais alta sina
te destinou e guarda o Omnipotente!
não te fascine o delirar fremente
d'este mundo enganoso e seductor.
Consola o moribundo!.. ao criminoso
abra os templos da fé tua nivea mão!
sê na terra uma estrella de perdão,
mensageira dilecta do Senhor!..

Oh! não creias, mulher, joia a mais fina
de quantas nos ha dado a natureza!
outra missão terás de mais grandeza;
outro caminho se abre aos olhos teus!
Um, conduz á descrença, á saciedade,
á quebra das mais santas illusões;
outro, em meio de bençãos e orações,
te guiará ditosa aos pés de Deus!

— «Filha, que senda espinhosa
«nos leva d'aqui ao ceo!
«Que noite medonha e negra!
«filha... filha... onde estou eu?

«Chega-te a mim! vem cobrir-me
«com esse olhar tão mavioso!
«é tão suave o teu pranto,
«correndo assim tanto... e tanto...
«no teu rosto alvo e mimoso!
«Filha, chora... que essas perlas
«que tu derramas assim,
«acolhe-as Deus no seu throno!..
«ai!.. chora, meu cherubim!

«Vae vêr se todos dormem, filha, vae,
«que eu desejo fallar a sós comtigo!..
«agra missão te deixo, orfã mesquinha,
«que no deserto ficas sem abrigo!..» —

— «Podeis fallar, meu Pae; ha já momentos
«que minha Mãe se foi a descançar;
«tantas noites de vela e sofrimentos,
«se não repoisa, podem-n-a matar.

«Pedi, chorei, implorei-a
«em nome de vós, do ceo;

«não se rendia!.. por fim,
«vendo os meus prantos, cedeu!» —

—«Pobre infeliz!.. que martirio
«tem sido a sua existencia!
«sempre curvada aos decretos
«que lhe envia a Providencia!..

ɔora vou fallar-te... em quanto a morte
.o vem roubar-me o derradeiro alento!
lha, chora!.. mudez que assim se expressa,
.! diz mais... muito mais que um vão lamento!

.bes?.. padeci muito na existencia,
ıguei opprobrio, fel, e desventura!
ıs tua mãe... que pomba de candura!..
ɜ foi conforto, amparo, e Providencia!
ıuco depois nasceste... e os prantos de ambos
ccaram junto ao berço em que dormias!
surgiu todo um mundo de alegrias
teu riso na magica innocencia!
vendo-te crescer, nevado lirio,

«em virtudes, e graças, e meiguice,
«sonhámos um consolo no martirio,
«e incansavel amparo na velhice!

«Consolar a pobre victima
«de tanto golpe e tão fundo,
«é a missão que te confia
«teu velho pae... moribundo!
«Minha Beatriz, em teus olhos
«vejo que ha-de ser cumprida!
«que só a ella, essa vida
«has-de piedosa votar!..
«Ai!.. sim!.. dá-lhe os teus aromas,
«candida flor sem senão!
«ameniza-lhe os tormentos!
«dá-lhe paz! dá-lhe conforto!
«das saudades no seu horto
«ergue a cruz da redempção!..
«Tremo ao deixal-a sem leme,
«sobre este oceano agitado!
«prende-me á terra um supplicio...
«ai! salva-me, anjo adorado!

«jura-me sempre cubril-a
«com teu amor santo e puro...» —

—«Pae... pae... bem sabes... descança!—
soluçou a triste — juro!..» —

E o velho ergueu tremendo a dextra moribunda,
e na fronte a depoz da filha consternada!
por consolo supremo, á sua dôr profunda
dando a benção paterna!.. herança a mais sagrada!..

E n'esses labios sem vida,
n'esses olhos sem fulgor,
assoma um sorriso de anjo,
brilha uma chamma de amor!
acabara-lhe a anciedade,
que despiedada o prendia
a este valle de abrolhos
e tremendo padecer!
findára a sua agonia,
podia agora morrer!..

*

Pobre Beatriz!.. qual seria
n'ess'hora o seu soffrimento?
que imagem lhe voaria
nas sombras do pensamento?
Elle?.. sim... elle a dizer-lhe:
— «Que has feito do nosso amor?
«tu eras minha... e só minha,
«e foste de ti dispôr!» —
Elle, lançando-lhe em rosto
sua vida aniquilada,
seus desejos fementidos,
e sua esp'rança frustrada!..
Elle!.. vistel-o, donzella,
n'um quadro da fantasia...
que indiscretos o revelam
os trances d'essa agonia!
Bella visão fugitiva,
celeste, e fascinadora,
chama-te... estende-te os braços...
lembra-te as juras de outr'ora,
e as freneticas delicias,
que sonhára tão feliz

quando tu eras só d'elle!
ai!.. só d'elle, Beatriz!..

Levanta-te, mulher!.. brilha em teus olhos
a chamma de um orgulho que é do ceo!..
luctou forte esse amor dentro em tu'alma,
mas não foi elle... oh! não! quem n-a venceu!..

Levanta-te, mulher tres vezes santa!
toma a cruz, e caminha; eis o Calvario:
nas mãos de Deus a palma do martirio
te espera lá no fim do teu fadario!..

Oito dias têm passado
n'um giro triste e pausado,
dês que o fantasma da morte
na feliz casinha entrou,
e com a foice impiedosa
tanta esp'rança desfolhou!
Oito... não... não foram dias,
a contar as agonias
que dentro n'alma sentias,

e o teu chôro nos traduz!
ai! pobre viuva rôla,
chorando na soledade
as ancias de uma saudade
que á loucura te conduz!
Desde a infancia sempre unidos,
commum lhes foi a desdita;
soffreram no mesmo exilio
a sua angustia infinita;
sorriram na mesma esp'rança;
choraram na mesma dôr;
a um tempo lhes brotou n'alma
palpitante o mesmo amor!..
Se o mesmo golpe da sorte
aos dois tivesse prostrado!
se fieis tambem na morte
fosse o mesmo o vosso fado!
mas não quiz Deus!—e na terra
ficas sem conforto achar...
saudades a prantear,
saudades que não têm fim;
e por premio ao teu martirio,

só tens os prantos de um anjo,
as preces de um cherubim!..

Leitora, lembra-te o quarto,
onde estiveste commigo,
habitação da innocencia,
tão simples, mas tão feliz,
onde ouviste a vez primeira
a voz celeste e fagueira
da formosa Beatriz?..

Vem commigo: a esse quarto
vou levar-te inda uma vez;
mas quão diverso!.. não vês?
que funda e cruel tristeza
da pobre estancia dimana!
na jarra de porcelana,
onde inda ha pouco mil flores
ostentavam seus primores
e seus aromas subtis,
pendem as rosas a fronte,

já sem viço e sem matiz.
Desconforto, desalinho,
gelada melancolia,
eis o que resta do ninho
que abrigou tanta alegria!

E Beatriz onde está? Eil-a,
perto da meza sentada;
ai!.. que fronte macerada!
que tinta de roxa côr
os lindos olhos circumda
que exprimiam tanto amor!..
Que pallidez! que belleza!
que brando olhar resignado!
que eloquencia na tristeza!..
Celeste archanjo a dissereis,
que, da patria desterrado,
a divagar sobre a terra
ha muito foi condemnado;
e que, aos ceos erguendo os olhos,
em suave aspiração,
pede ao Deus que rege os mundos

piedade, esp'rança, perdão!..
Envolvida no sudario
d'essa dôr que a dilacera,
tem mais elevado encanto;
pela belleza inda impera!..
Um amplo e negro vestido
lhe cobre as formas franzinas,
e faz realçar a alvura
d'aquelle rosto abatido,
como o lirio das campinas
dizendo graça e candura!

Por um tempo esteve immovel,
olhos fitos mas sem vêr!
arcanos que ella sondava
só Deus pudera entender!
depois ergueu-se convulsa,
foi buscar tinta e papel,
e no seu rosto agitado
leu-se uma lucta cruel.
Ora chorava sem tino,
palpitante o coração;

ora accusava o destino
desvairada e sem razão!..
Por fim senta-se abatida;
e uma carta principia,
mil vezes interrompida
por chôro que em mar corria.
Ora escrevia e parava,
ora louca soluçava,
ora um gemido soltava,
que partia o coração;
e sempre, sempre luctando
nos estos d'essa paixão!

Havia já mais de um' hora,
que era a carta começada;
não poude mais... e caíu,
sobre a meza, desmaiada!..

«Vasco, meu Vasco, um mundo de amargura
me separa de ti, e da ventura!..

Na minha pobre e desvairada mente
mil fantasmas informes vem e vão!..
o passado... o futuro... e o presente!..
luz e trevas... fulgor e escuridão!
ao mesmo tempo vejo... tudo... e nada!..
Quero fallar... e a voz aqui... parada,
não me solta uma queixa... um só gemido!..
e vejo em tudo escripto em negras lettras:
é forçoso dizer-te adeus!.. querido!..

Adeus?.. adeus?.. Senhor, pois é verdade?
de tanta flor só ficas tu, saudade?..
adeus... adeus... Jesus! palavra horrivel!
pois viver eu sem ti será possivel?!..

.....
.....

Estou melhor!.. chorei tanto!
mas consolou-me este pranto,
e posso agora escrever...
Não és meu!.. não quer a sorte!
eloquente a voz da morte
veiu impor-me outro dever!

Ai, Vasco!.. o meu nobre pae...
morreu-me aqui, nos meus braços...
porém deixou-me outros laços,
outra sina a começar!..
Um juramento me prende;
mas, quando me não prendèra,
inda assim antes morrêra
do que a minha mãe deixar!..

Ser tua e d'ella?.. não posso!
ai!.. quantos... quantos queixumes
te não dictaram ciumes
que tinhas de minha mãe!
ai!.. quantas vezes disseste
que tua só me quizeras!
que onde soberano imperas
não dás partilha a ninguem!..

E junto ao funebre leito
de meu pae agonisante,
jurei no meu peito amante
a pobre enferma abrigar!

Oh!.. não me peças... não queiras
que a repulse despiedada...
avesinha desgarrada
sem companheiro e sem lar!..

Bem vês, anjo; ao impossivel
curvo a fronte dolorida;
e á tua affeição querida
para sempre digo adeus!..
Uma só... só uma esp'rança
para mim consolo encerra:
é poder além da terra
cingir-te nos braços meus!..

Não pede outra recompensa...
outra palma... este martirio!..
eu quero vêr-te no Empyrio...
quero ouvir o teu perdão!..
porque mesmo... lá no ceo,
entre os anjos e as estrellas,
hei-de sempre sempre vêl-as...
horas da minha paixão!

Sim, meu Vasco... é só n'est'hora
de terrivel desventura
que eu te revelo a ternura
com que na terra te amei!..
Tu foste a celeste aurora,
foste o fulgido fanal,
cujo clarão divinal
para sempre lembrarei!..

Ai!.. já agora sobre a terra
não tenho mais que a saudade,
que aos echos da soledade
irei triste confiar!
e a suavissima lembrança
d'essa visão namorada,
branca perola encantada
que achei na vasa do mar!

Tu... sê feliz!.. da existencia
percorre a estrada brilhante!
ai!.. olvida a triste amante
que tua não poude ser!

mas se porventura, ás vezes,
do passado na miragem,
a minha chorosa imagem
a teu lado apparecer,

não a repulses!.. não digas
que fui traidora e perjura!
jámais affeição tão pura
fez outro seio agitar!
não a repulses... e pensa
que na terra, abandonada
uma infeliz—resignada—
ora por ti sem cessar!

Adeus, meu Vasco!.. adeus, anjo,
que ante os meus olhos surgiste!
lembrança divina e triste!
visão de um momento só!..
adeus!.. eu fico sosinha
sem repouso e sem bonança;
que a flor da minha esperança
murcha, secca, jaz no pó!..

Sinto esvair-se a cabeça...
e partir-se o coração!..
sê ditoso... não me esqueças...
ai!.. Vasco... perdão... perdão!..»

Tal era a carta, grito de dôr intima,
ultimo aroma que exhalava a flor!
adeus, que um triste lacerado espirito
diz aos mil sonhos de um perdido amor!..

CANTO QUARTO

CYPRESTE E ROSAS

Resignação!.. ó virgem pura e timida
envolta em alvo transparente veo!
rosa encantada de fragrancia mystica!
doce emissaria que nos vens do ceo!

Cinge-te a fronte scismadora e pallida
casto diadema de fulgente luz!
das mãos espalhas, de consolo providas,
palmas que enlaçam do martyrio a cruz!

Á mãe prostrada sobre o avaro tumulo
do terno fructo de seu nobre amor,
Rachel chorosa que não pede allivios,
e se compraz em se afogar na dôr,

vens amorosa, compassiva, acalmas-lhe
de acerba angustia o férvido escarceo!
e a mãe esquece a excruciante magua
ao vêr o anginho que sorri do ceo!

Á pobre amante, que só teve o escarneo
em recompensa de intima affeição,
e que já sente fomentar, dos reprobos,
dentro no peito, a raiva e maldicção,

chegas... e a voz que se escutou no Golgotha,
unctuosa e terna em tuas fallas vibra!
e ao sôpro teu esse orgulhoso espirito
purificado para os ceos se libra!..

És da virtude a companheira placida!
polar estrella d'este mar nas iras!

e das paixões és n'este pégo indomito
piedoso emblema que bonança inspiras.

Por ti meus hymnos, casta flor etherea!
urna de aromas, vazo rescendente!
a ti sagrei a minha lyra: aceita-m'a,
que por ti canto jubilosa e crente!..

Um anno vagaroso decorrera
desde a historia de fundas agonias
que narrámos ha pouco; um anno?!.. um seculo
de pavorosas dôres; porém nunca
dos labios descorados da donzella
um só grito de queixa ou resistencia
se fez ouvir! O bento Crucifixo,
que ella outr'ora entrançava d'alvas rosas,
lhe ouvia as confissões amarguradas,
e meigo a consolava; a mãe no emtanto
viu-lhe sempre nos labios um sorriso,
e nos olhos a luz risonha e pura
que nas espessas trevas da existencia

lhe era guia e pharol.

Vasco, pasmado
na carta da mulher a quem sagrára
outr'ora tanto amor, ao vêr sumida
a estrella seu horoscopo, abysmou-se
em funda immensa dôr! tentou chamal-a!
chamal-a para si!.. vibrar nes'alma
tão sensivel, tão pura, tão formosa,
as cordas que afinára o sentimento!
Lembrou-lhe as lindas noites estrelladas
que lhe ouviram d'amor os juramentos,
e as commoções celestes do passado!..
tudo evocou!.. mas tudo em vão... que a virgem
tudo vira ao dizer-lhe o adeus extremo!
a flor virente da su'alma ingenua
já sem dó desfolhára n'esse instante,
e do dever nas aras sacrosantas
queimára o coração vertendo sangue!
Essas noites de férvida poesia,
perfumadas, ridentes, voluptuosas,
em que a voz palpitante do mancebo
lhe despertava n'alma echos dormentes

de ternura, de amor, de esp'rança infinda...
ai!.. essas noites via-as ella sempre!..

Presentes sempre! sempre na memoria
as ditas d'outro tempo lhe fallavam!
mas não se arrependia!.. oh! não!.. que importa,
consumida morrer por essa chamma,
que as entranhas, que o sangue lhe queimava,
se a mãe, que lhe ignorava o sacrificio,
apertando-a nos braços lhe dizia:

—«Filha, és tu meu consolo sobre a terra;
«taboa de salvação na tempestade!
«ai!.. sem ti já minh'alma vacillante
«até perdera a fé no Omnipotente,
«e depois dos tormentos que hei soffrido,
«nem aspirar ao ceo eu já pudéra!
«És tu a minha fé, minha virtude,
«o meu supremo derradeiro esteio!»—

A sacrificios taes não é sobeja
recompensa esta voz tremula e meiga,

antegoso do Empyreo, que aguardava
a pobre martyr resignada e triste?!..

A taes razões, porém, não cede Vasco.
Filho d'um tempo de apagadas crenças
não conhece ao querer barreira alguma.
Ama Beatriz. Se o mundo desabasse,
das ruinas do mundo surgiria
com ella em braços, anhelante, louco!
Vagamente aspirara aos esplendores
de idealisada aurora que entrevira!..
O abysmo das sciencias... o bulicio
do prazer mundanal, o ferreo estudo,
da natureza os providos thesoiros,
tudo sondára em vão!.. o vacuo immenso
d'aquelle coração insaciavel
ninguem, ninguem na terra o preenchera!
Um dia, um d'estes dias que ha tão raros
em que a ventura desce inesperada
e poisa sobre nós... uma figura
branca, suave, aerea, encantadora,
se revela a seus olhos deslumbrados!

Oh! como elle a adorou!.. dentro em su'alma
erigiu-lhe um altar que a merecesse,
e doirado da luz de seus desejos
um futuro sonhou de almo esplendor!

Que lhe importavam pois os juramentos
feitos á beira d'esse leito funebre
onde um pae se estorcia moribundo?
não lhe tinha tambem ella jurado
tantas e tantas vezes ser só d'elle?!..

Perjura lhe chamou!.. jurou vingar-se!..
vingar-se... sem saber que na vingança
era o seu coração quem lacerava!
Precipitou-se desvairado, ancioso,
outra vez na vertigem dos prazeres...
no infrene turbilhão buscou debalde
aturdir-se... esquecer a dôr intensa,
cujo fel lhe corrompe os seios d'alma!
mas a imagem formosa do seu anjo
lá mesmo n'esse barathro de angustias
o segue... lhe sorri... lhe estende os braços!..

D'antes presentimento!.. hoje saudade!..
mas sempre a mesma!.. sombra transparente
envolta em brancas fluctuantes vestes!
sempre a mesma ternura! os mesmos olhos
que o fulgor ás estrellas usurparam!
e sobre tudo a mesma expressão casta,
ideal, adoravel, seductora!..
em vão lhe foge!.. em vão... em vão repelle
os aromas da flôr que o enfeitiçara.
Quanto mais intentar fugir do influxo
da solitaria estrella, mais profundos
a saudade lhe orava os seus espinhos!

Era uma tarde de Outono,
desabrida, arida, e fria;
quadra de melancolia,
em que da floresta as comas
perdem as graças e aromas
caíndo seccas no chão;
do desalento e saudade
era chegada a estação.
Escondida em pardas nuvens

a fronte augusta do sol;
não tem fragrancias a brisa,
nem cantos o rouxinol!
Nem um lyrio nas campinas,
nem uma planta florida
dizendo: «Aqui ha verdor,
ha seiba, e frescura, e vida!..»

Eu amo o Outono!.. a tristeza
tem para mim tal condão!..
e é tão triste a natureza
n'ess'hora de transição!
Quando as folhas jazem mortas,
quando murcha o brilho á flor,
é que a noss'alma se enleva
em sonhos de extincto amor!..
e a folha que o chão tapiza,
e as queixas que geme a brisa,
e os murmurios da soidão,
dizem profunda saudade,
respiram melancolia,

e echos de vaga harmonia
despertam no coração!..

E a tristeza do Outono, amplo e negro sudario
que encobre a natureza ha pouco inda festiva,
rouba á casinha branca a leda perspectiva;
e ao solitario valle o placido verdor!
tudo em roda é mudez!.. a ferrea mão da morte
firmou com sello negro a habitação singela;
caprichosos festões, roseira nivea e bella!..
quem foi que vos sumiu, scenas de tanto amor?!..

E á noite, se brandos murmurios s'elevam,
ao ceo, como incenso que se ergue do altar;
se alegre aldeana, que passa a cantar,
os echos desperta da vasta amplidão,
por entre a vidraça da pobre janella,
das galas d'outr'ora já tão desflorida,
mulher moça e triste de lucto vestida,
murmura chorando fervente oração!..

É a orphã!.. sosinha na terra,

já não dóe nem pertence a ninguem!
quê os divinos afagos da mãe,
impia morte lh'os veiu usurpar!
e a infeliz que essa vida comprára
pelo preço da propria ventura,
já não tem do seu anjo a ternura,
nem já póde em seus braços chorar!..

Pobre lyrio!.. no pé tão mimoso
cai-lhe a fronte já murcha e crestada,
que o tufão na corrida gelada
sem piedade por terra a prostrou.
Nunca mais entre os beijos das auras
ha-de ufana sorrir como outr'ora;
não remoçam orvalhos de aurora
a florinha que o vento arrancou!

E a casinha de pé sempre triste
como espectro de negra desgraça,
na mudez funeral, ao que passa
conta um drama de extincto soffrer!
E houve um tempo em que as aves cantavam,

em que ledas viçavam as flores,
e esse ninho que abriga só dôres
era estancia de encanto e prazer!

E o sol moribundo e triste,
nas orlas do firmamento!
e a brisa nas moitas nuas
soltando um vago lamento!..

Pendido á beira da estrada,
no cume d'uma eminencia,
que todo o Valle sombreia,
em campo escuro e funereo
era da rustica aldeia
o pequeno cemiterio.
Em cada loisa uma cruz,
de humilde pedra talhada,
de hera toda entrelaçada,
envolta em verde folhagem.
Aqui e ali um cypreste
baloiça a luctuosa veste

ao sopro da fria aragem!
Na primavera, viçavam
em torno ás campas, mil rosas
que as suas urnas de aromas
lhe entornavam carinhosas;
e goivos ali medravam
plantados por mãos piedosas;
e a madre-silva floria,
e as sebes eram viçosas;
e ás vezes o rouxinol
poisado sobre a balseira
entoava em voz suavissima
uma elegia fagueira,
evocando com seu canto
de saudades um poema,
a quem na morada extrema
o repouso vem buscar;
e as maguas que elle dizia
eram tristes de matar!..

Quando Deus, da primavera
nos sujeita ao mago imperio,

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] espessura

[illegible] envelhecido

[illegible] veste;

[illegible] agreste

[illegible] amplidão!

[illegible] natureza

[illegible] paixão!

[illegible] finados,

[illegible] um jardim,

[illegible] entre flores

[illegible] cherubim!..

[illegible] oh! sim... trist

mas tão suave!.. e os queixumes
vão em cantos e perfumes
morrer aos pés do Senhor;
e os prantos vão confundidos
das orações no fervor!..

Hoje não!.. a cinza fria
que ao sepulcro ali desceu
não tem fragrancias da brisa,
nem tem orvalhos do ceo!
as folhas amarelladas
cobrem das campas o chão;
respira assim mais tristeza
a funeraria mansão!..
Quando a mãe que perde o filho
lá vai sosinha chorar,
não vem tepida bafagem
os seus prantos enxugar!
nem uma voz carinhosa
d'entre a balseira florida
revigoriza em seu peito
as esp'ranças d'outra vida!

e se ella crava nos ceos
olhos de pranto pizados,
vê-os tristes e sombrios
de negras nuvens toldados!..

A porta do cemiterio
descerrou-se a um brando impulso,
e um vulto formoso entrou
em passo incerto e convulso!
É ella!.. conheço a triste
n'esse olhar desanimado,
no seu rosto desmaiado,
na veste em que peza o dó!..
d'alma a porção mais querida
lhe guarda o leito funereo,
e a chorar no cemiterio
eil-a que vem triste e só!..

Á sombra de um dos cyprestes
que ali funebres se ostentam
dormem unidos dois entes
que foram no mundo um só,

e que inda ali se confundem
jazendo no mesmo pó.
Duas cruzes tão singelas,
tão toscas e pobresinhas,
eloquentes e sosinhas,
dizem poemas de amor;
e ás vezes rôla plangente
sobre a balsa vem poisar,
e pôr-se triste a contar
segredos de immensa dôr,
como lembrando os tormentos
que um d'elles cá padeceu
em quanto não foi juntar-se
ao companheiro... no ceo!..

Foi para ali que a donzella
os passos encaminhou;
e por terra ajoelhou
baixando o pallido rosto!
Que desanimo e desgosto
tem d'esse olhar a expressão!
buscára no amor ventura,

e foi-lhe o amor perdição!
Assim chorosa e prostrada
com tal doçura no olhar
parece o archanjo das campas
que os mortos vem consolar!
Duas c'roas que inda viçam
talvez de pranto regadas
das suas rosas nevadas
nas cruzes entrelaçou;
e pondo outra vez as mãos
por largo espaço rezou.

Depois, a voz debil, triste,
como um gemido da aragem,
ergueu-se crendo fallar
da mãe á livida imagem...

—«Mãe! eis-me aqui... todos os dias venho
«na campa onde repousas soluçar...
«tu partiste... e deixaste-me a luctar
«nas vagas d'este mundo enganador!

«mãe!.. pede a Deus por mim... que eu nunca, nunca
«maldisse o meu destino tão cruel;
«e traguei do meu calix todo o fel,
«sem jamais me queixar contra o Senhor!..

«Mãe!.. pede a Deus por mim! Padeço muito
«sem possuir na terra um peito amigo;
«e tu sabes, ó mãe... é doce abrigo
«ao desgraçado a alheia compaixão!
«só me restam aqui, junto ao cypreste
«funereo, estas reliquias do que amei;
«mas tu estás no ceo... que eu bem n-o sei...
«mãe... pede a Deus por mim n'essa mansão!

«Vês?.. eu trouxe-te as rosas que restavam
«n'essa roseira, que, feliz, outr'ora
«eu regava ao primeiro alvor da aurora,
«para um ramo depois te offerecer!
«É sentido tributo da saudade
«que o peito me devora em cruas ancias!
«é derradeira offrenda de fragrancias...
«flores que junto a vós querem morrer!

*

«Meus anjos guardadores!.. que saudades
«do meu passado alegre e descuidoso!..
«ai! como o nosso valle era formoso!
«como era bom na terra então viver!
«Quantas vezes com elle me librava
«nas azas da arrojada phantazia,
«e só cançada á terra me volvia
«para em teu collo, ó mãe, adormecer!

«E hoje tudo perdido!.. ai! nada resta
«d'esse tempo ditoso em que era a vida
«visão gloriosa... embora fementida,
«que se esvaiu n'um'hora de amargura!
«E do meu Vasco!.. d'esse amor tão puro,
«que lembranças no afflicto coração!
«mãe!.. pede a Deus por mim!.. tem compaixão,
«que é mais forte do que eu tal desventura!»—

Em quanto a virgem chorava,
pendida na campa fria,
escutam-se ao longe os echos
de uma festiva harmonia!..

É um cortejo de amores;
é um juvenil noivado;
são risos, cantos, e flores,
juncto a um par enamorado.
A noiva veste de branco,
tem na fronte feiticeira
a c'roa de larangeira
que vai prestes arrancar.
Nos labios brilha um sorriso,
reflexo do paraizo
que vem ledo ali poisar.
Ella é gentil, caprichosa,
é travessa e seductora!
não tem a luz scismadora
d'outros olhos que eu vi já!
a sua cabeça altiva
ergue-a — rainha orgulhosa
que se conhece formosa,
e entre as outras reinará!
Não vai submissa e rendida
pôr o coração e a vida
aos pés do homem que amou;

vai alegre... porque é bella,
porque mais um lh'o revela...
porque um mais enfeitiçou!..
Viveu na côrte... entre as festas
corações aos mil prendeu!
com seu desdenhoso riso
muita esperança feneceu!
feliz por ser adorada,
de homenagens mil cercada,
vive... reina... o mundo é seu!..

E elle? elle! o ceos!.. que hei visto?!
é Vasco!.. Ao golpe imprevisto
a infeliz vai succumbir!
ha-de vêl-o? elle! o seu idolo!
elle! no mundo o seu Deus,
esquecer a terra e os ceos
e a outra poder sorrir?!
Mas não n'o accusem!.. o olhar
vai-lhe como desvairado!
é que a visão do passado
n'esse instante viu surgir!

o demonio da vingança
condul-o á beira do abysmo,
e no fatal paroxismo
elle em vão tenta fugir!
Foi este o sitio formoso
onde com ella viveu;
cada lugar lhe recorda
um encanto... um gesto seu!
foi ali que elle encontrou
de seus olhos na luz pura
fontes de amor immortal,
thesoiros de alma ventura!

Mas a noiva descuidosa
nem o interroga sequer,
que todo de côr de rosa
sonha um porvir de prazer!

E o cortejo formoso aproximava-se
do lugar onde a virgem, soluçando,
a lancinante dôr do seu martyrio
aos echos da soidão ia contando.

Mas que importam os prantos e as maguas
que o infeliz ao deserto confia
a quem nunca provou da existencia,
mais que o nectar que verte a alegria?

«Em quanto as rosas ostentarem vividas
seu grato aroma e voluptuosa côr,
eia! gozemos!» e em transporte calido
eil-os que esfolham do prazer a flor!

Não, Vasco!.. dentro d'ess'alma
solto o inferno todo vai;
não murmura um só gemido,
não solta sequer um ai!
mas n'essa fronte orgulhosa
leva o stygma do precito;
dos olhos a luz febril
conta um supplicio infinito!
e os tormentos que o laceram
ninguem sequer entendeu!
só quem ama... é que adivinha,
por condão que o ceo lhe deu!

Da turba alegre o som ledo e festivo
chega aos ouvidos da infeliz donzella;
e n'um relance d'olhos fugitivo
vê a estrada... o cortejo... e a noiva bella!
Talvez presentimento indescriptivel!
talvez curiosidade inda infantil!
tenta encontrar o noivo entre esses mil
que assim fazem cortejo á formosura:
ao pé d'*ella* o percebe... e solta um grito,
que em si resume tudo que é tortura!
não foi grito... oh! meu Deus!.. foi um poema
de desespero infindo e dôr suprema!
Ergue-se immovel... livida... espantada...
lança em roda uma vista desvairada,
e ficou... como espectro de agonia,
que maldiz na mudez mais que eloquente
os sacrilegos sons d'essa alegria!..

E o cortejo passou!.. aos felizes
pouco importam a dôr e os lamentos,
que elles contam na vida os momentos
por delicias de infindo prazer!

ai!.. só Vasco ergue a fronte abatida;
e, impellido de ignoto mysterio,
fita os olhos no campo funereo,
e... prosegue... que o chama o dever!

E Beatriz ficou palida!
hirta, immovel, terrivel, silenciosa!
a dôr que ella sentiu n'esse momento
só a exprime o silencio!.. O soffrimento
em lucta tumultuosa
acordára as paixões adormecidas
n'aquelle coração!
em borbotões de fel surge a revolta;
irrompe em lavas rubido volcão!
santa a resignação erguêra a voz
nos estos do soffrer;
mas agora era mais do que a saudade:
era a paixão terrivel da mulher!

E a voz palpitante, oppressa,
do peito por fim soltou;
e interrompidas com prantos
taes palavras soluçou!

—«Era elle!.. bem vi... ia ao pé d'ella
«ebrio talvez de apaixonada ardencia!..
«sois mentira... dever... crença... virtude!
«és atroz ironia... Providencia!..

«Mas a culpa foi só minha!..
«fui eu... que em fatal delirio
«preferi este martyrio
«aos gosos d'aquelle amor!
«que perdida e... desvairada,
«temi o castigo eterno,
«como se as ancias do inferno
«igualassem este horror!..
«Vem, meu Vasco, calca aos pés
«laços que maldiz o ceo!..
«não és... não podes ser d'ella,
«que juraste ser só meu!
«Oh! vem... vem... corre a meus braços!
«aqui estou arrependida
«de não ter deposto a vida
«a teus pés, anjo de amor!
«não me maldigas... não fujas

«porque hesitei um momento,
«que ao calix do soffrimento
«já traguei todo o amargor!
«Bem dizias tu... meu Vasco!..
«Pois que vale a eternidade
«ao pé d'um d'esses momentos
«que me matam de saudade!
«Eu devia ser só tua!
«ser filha?.. não!.. ser mulher,
«e em teus braços carinhosos
«terra e ceos, tudo esquecer!
«Julgaste que eu não te amava,
«bem sei!.. tiveste razão,
«que não hesita a paixão
«quando limites não tem!..
«mas, Vasco... era minha mãe!..

«Tem compaixão!.. tem piedade!..
«não me castigues assim!..
«oh!.. não queiras que eu blaspheme,
«e descrente morra... emfim!
«Ella não póde adorar-te

«qual eu te amo... qual te amei!
«não póde... que eu bem n-o sei!
«não póde... juro-o por Deus!
«e tu has-de amal-a... ingrato!
«has-de cingil-a em teus braços,
«e unil-a a ti n'esses laços,
«que eu julguei que eram só meus!..

«Oh! vae, ingrato!.. vae, traidor... vae, perfido!..
«não vales tu dos olhos meus o pranto!..
«de teus amores á grinalda ephemera
«ha-de o remorso emmurchecer o encanto!

«Oh!.. vae... que importa que n'um sonho angelico
«tivesse um dia divinal visão?
«que importa á flor a sua aurora esplendida,
«se a leva morta assolador tufão!

«Oh!.. vae... que eu fico desesp'rada, incredula,
«alma sem força a padecer votada!
«Deus repelliu-me do seu seio provido;
«eu quero a morte... o esquecimento... o nada!..»—

Cobria-lhe o pranto em bagas
das faces a pallidez.
Delirio como era aquelle
ha na vida uma só vez!

E n'isto o sino da ermida
tange tange a Ave Maria!
não sei que vagas saudades
aquelle som lhe dizia!

N'ella a revolta ficticia
não poude perseverar!
e a meiga pomba ferida
busca abrigo onde expirar!

E aquella doce harmonia,
consolo a quem padeceu,
vinha cantar-lhe aos ouvidos
não sei que avisos do ceo!

E a infeliz, que da descrença
lançar-se no abysmo vai,

no som d'essa voz escuta
uma voz que diz:
— «Orae!

«Orae, que o templo, d'onde
no fel do seu fadario
o martyr do Calvario
prégou — Resignação,
só abre as aureas portas,
por cherubins guardadas,
ás vozes maguadas
do anjo da oração!

Orae, que é santa a prece
que sai do peito afflicto,
e em extase infinito
expira aos pés de Deus!
Orae, e, erguendo a fronte,
estranha ao desalento,
vereis que o soffrimento
exalta os filhos seus!» —

E essa voz eloquente e melodiosa
taes cordas lhe vibrou no coração,
que, occultando nas mãos a fronte irosa,
chorou, pedindo humilde a Deus perdão!

E prostrou-se em terrivel agonia
junto á cruz que adornára d'alvas flores,
e de seus paes na campa escura e fria
o sacrificio fez dos seus amores!..

E murmurou em voz meiga e tremente
uma oração que um anjo lhe escutou,
e do Senhor ao throno omnipotente
nas suas azas brancas transportou!

—«Senhor!.. pequei... um momento
«nas ancias do desvario;
«susteve-me um debil fio
«da paixão nos escarceos!
«Perdoae, se allucinada
«soltei revoltoso grito,

«que ao vosso amor infinito
«me acolho outra vez... meu Deus!..

«Aqui... junto do sepulcro
«dos entes que eu tanto amei,
«desvairada blasphemei
«do vosso amor immortal!
«mas tende de mim piedade!
«Vós sabeis se eu padecia!..
«se era intensa esta agonia!..
«se era agudo este punhal!..

«Foi justo o vosso castigo!..
«nos vossos decretos santos
«viste a blasphemia nos prantos
«que este amor me fez verter!
«soubestes que ao dar a vida
«no meu forçado holocausto,
«maldisse o destino infausto,
«maldisse o proprio dever!..

«Foi a mão que eu adorava
«que me arrastou á voragem!
«foi a vossa santa imagem
«que outra vez me ergueu aos ceos!
«á minha dôr criminosa
«deu vossa mão justiceira
«a provação derradeira.,.
«sède bemdito oh! meu Deus!..

«E a esses dois que risonhos
«n'esta minh'alma abatida
«com adaga fratricida
«deram golpe tão cruel,
«oh!.. dae-lhes todas as bençãos!
«permitti que entre caricias
«contem na vida as delicias
«pelos meus dias de fel!

«Dae-lhes todas as venturas,
«de que eu me dispeço agora!
«da angustia que me devora
«que elles não provem jámais!

«que nunca... nunca o remorso
«entre somnos mal dormidos
«lhes leve os echos sentidos
«dos meus prantos... dos meus ais!..

«Mais uma prece, uma só,
«ouso enviar-vos... Senhor!
«é tão santo o vosso amor!
«tão vasto o vosso perdão!
«Eis-me supplicante... e humilde,
«aos pés da cruz redemptora,
«escutae a peccadora!
«Deus... meu Deus... Resignação!» —

Deus escutou-lhe a sua prece férvida,
e de seus olhos correu doce o pranto;
e a sua fronte dolorida e pallida
illuminou-se de um reflexo santo.

Ergueu-se; e os olhos pensativos, humidos,
cravou já forte na celeste esphera!
Vencera o bem!.. áquelle immenso espirito
só o infinito saciar pudéra!

*